# A LIAHONA

*Agôsto de 1966*

# A LIAHONA

**Editor:**
Hélio da Rocha Camargo

**Redatôra:**
Laís N. Manzotti

**Fotógrafos:**
Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze

**Tradutores:**
Francisco Máximo C. da Silva
José Vieira Neto
Merly Pikel
Regina Kauag
Tereza Cristina da Rocha Costa

*

A Revista *A Liahona*, editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguêsa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

*Centro Editorial Brasileiro*: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — São Paulo, SP.
*Missão Brasileira*: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, SP. — fone 80-4638.
*Missão Brasileira do Sul*: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pelo editor.

*

**PREÇOS:**

| | | |
|---|---|---|
| Brasil: Ano ..... | Cr$ | 3.000 |
| Exterior: Ano ..... | US$ | 4.00 |
| Exemplar: ..... | Cr$ | 300 |

**AGÔSTO DE 1966 — VOL. XX — N.º 8**

**Nossa capa:** "Mar, belo mar selvagem das nossas praias solitárias..." Foto do Pres. Beck, quando de uma viagem ao litoral paulista.

**Então você pretende criar um rapaz?** 18

A série de artigos que ora iniciamos é especialmente dedicada aos pais, pois os mesmos "não necessitam tanto de uma estudo sôbre delinqüentes juvenis, quanto de um catálogo de sugestões práticas e concretas sôbre a forma de se criar uma família de não delinqüentes..."

## SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Sacerdócio de Melquisedeque 6
Juventude da Promessa 7
Ciência e Religião 10
Meu Cantinho 16
Página Feminina 22
Notícias 25
Jóias do Pensamento 26
Sacerdócio Aarônico 27
Escola Dominical 28
Programa Noite Familiar 31

*Mensagem de Inspiração*

*Presidente David O. McKay*

# SEIS (6) PEQUE

## O EVANGELHO... SOB QUALQUER PONTO DE VISTA

Não há nada no evangelho de Jesus Cristo, tal como ensinado pela Igreja restaurada, de que o homem possa envergonhar-se. Podemos encará-lo sob qualquer ponto de vista — das necessidades presentes, dos benefícios que se nos oferecem diàriamente e das relações que estabelece entre os membros; ou podemos considerá-lo do ponto de vista da esperança na existência futura e dos ensinamentos de Deus, de Cristo e da vida eterna.

Partindo de qualquer ponto de vista, nada há de que os membros da Igreja precisem envergonhar-se. Pelo contrário, se examinarmos os princípios sem preconceitos, seremos forçados a concluir que o mormonismo tem tudo aquilo de que podemos nos orgulhar.

## OS FILHOS... A FAMÍLIA E O LAR

A família dá aos filhos seu nome e reputação na comunidade. Um filho deseja que sua família seja tão boa quanto a de seus amigos. Deseja encarar seu pai com orgulho e sempre encontrar inspiração quando pensar em sua mãe. É dever da mãe viver de modo tal, que seus filhos associem a ela tudo o que lhes parece belo, doce e puro. E o pai deve viver de modo que o filho, seguindo seu exemplo, possa ser um bom cidadão, e na Igreja, um verdadeiro santo dos últimos dias.

A criança tem o direito de sentir que seu lar é um lugar de refúgio, de proteção contra os perigos e contra os males do mundo. A unidade da família e sua integridade são necessárias para suprir estas faltas. As reuniões familiares realizadas nas Noites Familiares ajudam a edificar as fôrças do lar.

## O PODER & A AUTORIDADE

O sacerdócio é o poder e a autoridade inerente à Divindade. E é sempre uma autoridade delegada ao homem; ninguém pode apropriar-se dêle com eficácia. Sacerdócio quer dizer prestar serviços. Isto é verdadeiro até mesmo quanto à fonte divina, como podemos deduzir da sublime afirmação: "...Esta é minha obra e minha glória — conseguir a imortalidade e vida eterna do homem." (Moisés 1:39) O serviço que conduz à redenção dos filhos de Deus emana da Divindade.

Tôda a vez que o sacerdócio é delegado ao homem, êsse dom é-lhe conferido não como uma distinção pessoal, embora torne-se assim quando êle o honra, mas como a autoridade de representar a Divindade e a obrigação de auxiliar o Senhor a conseguir a imortalidade e vida eterna do homem.

Quando um cidadão é chamado a representar seu govêrno em uma nação estrangeira, quer como cônsul, ministro ou embaixador, êle assume o pôsto não apenas ciente de sua responsabilidade como representante de seu povo, mas também deve estar atento a certos deveres intrínsecos ao cargo a que foi designado.

# NOS ENSAIOS

Assim acontece com qualquer homem chamado a um cargo na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Êle deve, não sòmente conhecer o poder que possui como representante de Cristo, mas também perceber claramente quais os deveres que precisa executar a fim de bem merecer a confiança que lhe foi depositada.

## OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS COMO UM FAROL

A impureza sexual do mundo de hoje resulta na perda da verdadeira varonilidade, através da indulgência. Pensamentos impuros geram palavras impuras e estas ocasionam atos impuros. Nos ensinamentos da Igreja, em seguida ao crime de assassínio vem o adultério e a impudícia. Se os santos dos últimos dias permanecerem firmes em sua crença quanto à castidade e desenvolverem sua masculinidade ao praticarem o auto-contrôle de tôdas as maneiras, permanecerão como um farol, cujos raios penetrarão neste mundo já corrompido.

## PRINCÍPIOS E ENSINAMENTOS PRÁTICOS

Um dos ensinamentos mais práticos da Igreja é o da Palavra de Sabedoria, seção 89 de Doutrina e Convênios. A prática diária em conservar êste mandamento realizará muito mais no desenvolvimento da moral do homem, do que qualquer outro caminho que conheço. Êsse mandamento é verdadeiro; trata principalmente do apetite; aponte-me um homem que tenha completo domínio sôbre seus apetites e que possa resistir a tôdas as tentações representadas pelo chá, café, fumo ou álcool e eu lhe mostrarei um homem que, de modo semelhante, desenvolveu o poder de controlar suas paixões e desejos. Por outro lado, um homem que dá expansão aos seus apetites, quer secretamente ou não, tem sua varonilidade tão enfraquecida, a ponto de não resistir quando fôr tentando a condescender em suas paixões.

## A EXISTÊNCIA... DE DEUS

Nenhum homem pode aceitar a ressurreição e ser firme em sua crença, sem aceitar também a existência de um Deus Pessoal.

Através da ressurreição, Cristo conquistou a morte e tornou-se uma alma imortal. "Meu Senhor e meu Deus," (João 20:28) não foi mera exclamação de Tomé quando contemplou o Senhor Ressuscitado. O Ser à sua frente era seu Deus. Uma vez que aceitamos Cristo como divino, é fácil visualizar seu Pai como sendo tão pessoal quanto êle, porque Jesus disse, "... quem me vê a mim, vê o Pai..." (Idem 14:9)

Inseparàvelmente ligado ao ideal de um Ser divino e pessoal, está a sua aceitação dêle como Criador do mundo. A verdadeira cristandade não encara o universo como o resultado de mera inteiração de matéria e movimento, de leis e fôrças mas, pelo contrário, considera tôda a criação como o produto de uma Inteligência Divina.

RESPOSTA: Fomos instruidos por revelação, que as criancinhas são inocentes perante o Senhor. Lemos no capítulo 19 de Mateus que, quando as crianças foram trazidas ao Salvador, alguns dos discípulos interferiram e reprovaram aquêles que se esforçavam por vê-las abençoadas, mas Jesus os censurou, dizendo:

"Deixai os meninos e não os estorveis de vir a mim: porque dos tais é o reino dos céus." (Vers. 14) Em outra ocasião, o Mestre chamou uma criança e a colocou no meio dêles, dizendo:

"Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.

"Portanto, aquêle que se tornar humilde como êste menino, êsse é o maior no reino dos céus.

"E qualquer que receber em meu nome um menino tal como êste, a mim me recebe.

"Mas qualquer que escandalizar um dêste pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar." (Mateus 18:3-6)

Contrário à opinião de alguns que pensam que a participação do Sacramento nesta idade "prejudica o seu significado," sinceramente proclamamos que a permissão de as criancinhas participarem dêle, quando lhes é explicado o seu significado, age exatamente de modo contrário em suas mentes. Talvez alguns de nós falhemos em compreender a capacidade da mente infantil.

Certamente as crianças da Primária compreendem que o Sacramento é uma ordenança sagrada, quando isto lhes é ensinado cuidadosamente. E novamente podemos dizer que, se elas são muito pequenas para entender, o que devemos fazer é continuar ensinando que é uma ordenança sagrada e isso eventualmente dará o seu fruto. A criança em idade de jardim da infância está, na verdade, perfeitamente capacitada a compreender que o Sacramento é um privilégio especial, o qual tem relações com o sacrifício do nosso Redentor na cruz.

Uma das mais belas passagens do Livro de Mórmon, com relação ao aparecimento do Salvador aos nefitas é a seguinte:

"E aconteceu que, depois de se terem todos ajoelhado na terra, Jesus lamentou-se e disse: Pai, estou apreensivo em virtude da maldade do povo da casa de Israel.

"E após haver dito estas palavras ajoelhou-se também na terra; e eis que orou ao Pai, sendo que as coisas que disse em sua oração não podem ser escritas; e os da multidão, que o ouviram, deram testemunho.

"E desta forma testemunharam: os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram até agora coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer ao Pai;

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai.

"E aconteceu que, após terminar sua oração dirigida ao Pai, Jesus levantou-se; porém tão grande era a alegria da multidão que se viram dominados.

"E sucedeu que Jesus lhes dirigiu a palavra, ordenando que se levantassem.

"E levantaram-se do chão e Êle lhes disse: Bem-aventurados sois, em virtude da vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.

"E depois de ter dito estas palavras, chorou e a multidão testificou disso; e tomou das criancinhas, uma a uma, abençoando-as e rogou por elas ao Pai.

"E, depois de ter feito isso, chorou de nôvo.

"E, dirigindo-se à multidão, disse: Olhai para vossas criancinhas.

"E, ao levantar a vista, dirigiram o olhar ao céu; e viram que se abriam os céus e dêles desciam anjos que pareciam estar no meio de fogo; e os anjos desceram e cercaram aquelas criancinhas, que ficaram rodeadas de fogo e exerceram seu ministério em favor delas." (III Nefi 17:14-24.)

Ninguém terá dúvidas de que êstes pequeninos ficaram profundamente impressionados e que se lembrarão desta hora tão gloriosa pelo resto de suas vidas. Talvez sejamos muito falhos em julgar a capacidade de entendimento das crianças.

Certamente seria um ato que descontentaria o Pai Eterno se nós, que somos mais velhos, tirássemos das criancinhas a sagrada ordenança do Sacramento, simplesmente porque achamos que elas são muito pequenas para entender. Deve-se ensinar às crianças, desde o começo, o propósito da oração; que temos um Pai Celestial e que seu Filho Bem Amado, Jesus Cristo, morreu para que pudéssemos viver e obter as bênçãos do reino de Deus.

É sempre um privilégio ver as crianças da Primária serem ensinadas a orar e a agradecer ao Pai Celestial e ao seu Amado Filho, Jesus Cristo, pelas muitas bênçãos recebidas. É muito comovente, pelo menos para mim, ouvir um grupo de crianças da Primária cantar o hino "Sou um filho de Deus," entendendo-o completamente.

*Joseph F. Smith*

PERGUNTA: *Quando discutíamos a ordenança do Sacramento em um seminário, certo membro mencionou a completa falta de entendimento que vários membros da Igreja demonstram com relação a esta ordenança. Afirma-se que o Sacramento é administrado às crianças na idade da Escola Dominical Júnior e alguns membros declararam que a prática dessa ordenança, nessa idade, foge ao seu sagrado significado; desde que o Sacramento é a renovação do convênio feito no batismo e desde que as crianças não tenham ainda sido batizadas, por que, então, se administra o Sacramento a elas?*

| | | | |
|---|---|---|---|
| | Algo de maravilhoso acontece | | |
| | quando você... | | |
| é bondoso com Deus Pais | Defende a Igreja | presta testemunho | ouve o sussurro do Outono |
| dá de si mesmo | serve o Senhor | usa o auto-controle | |

# Seu corpo é um templo

*Dr. George M. Fister*

Já foi dito que o homem deve lutar pelas circunstâncias, e não ser sobrepujado por elas. Não há razão que nos impeça de nos mantermos em boa condição física, tão fortes quanto possível. Alguns possuem problemas de saúde, que os impedem de serem tão fortes quanto outros, mas podemos sê-lo dentro de um certo limite.

Ao contrário, existem muitas razões para sermos fisicamente fortes — todos, sem exceção, especialmente os jovens, que ainda estão amadurecendo fisicamente. Os mesmos ainda se ressentem de exercícios físicos, precisam desenvolver a fôrça, a habilidade, a perseverança para enfrentar os problemas que os desafiam agora e os desafiarão no futuro.

Êste quadro de aptidões também inclui capacidade física, emocional, social e espiritual.

Os astros do futebol, basquetebol e outros esportes estão cientes dos benefícios da boa saúde física; todos nós, homens da cidade ou do campo, devemos explorar os meios de conseguir a aptidão física. Existem muitos; mencionarei alguns:

O primeiro é evitar as doenças e manter a saúde básica, conseguida através dos serviços médicos. Que isso seja parte de sua vida. Esforce-se por tornar-se amigo íntimo de seu médico. A história da medicina é dramática. Temos uma média de vida de 72 anos. Evitamos epidemias, escarlatina, febre tifóide, difteria, poliomielite. A tuberculose está a caminho de ser banida. Na cirurgia, realizamos coisas que jamais sonharíamos ser possível alguns anos atrás.

O próximo passo para conseguirmos boa saúde é a nutrição correta. Conheça a comida que come; faça três refeições diárias, refeições essas que contenham o teor necessário de proteínas, carbohidratos, sais minerais, vitaminas, gorduras e água.

O que diremos do fumar? Nunca ouvi um médico receitar o uso de cigarros. Inúmeras pesquisas estão sendo levadas a efeito, para provar que o tabaco faz mal à saúde. A Associação Americana de Câncer, a Associação Americana do Coração e várias associações médicas já preveniram e continuam a prevenir contra o cigarro. Recentemente foi proposta a criação de clínicos para curar o hábito de fumar. E é tão fácil de se evitar o hábito: simplesmente nunca começar a fumar!

O Professor Robert Platte, do Departamento de Medicina da Universidade de Manchester, Inglaterra, disse: "O fumante viciado tem uma chance em oito de morrer de câncer no pulmão." Se uma companhia de aviação lhe dissesse que um em oito dos seus aviões pode cair, você pensaria duas vêzes antes de viajar por essa companhia. Sugiro-lhe que pense e pese as possibilidades cuidadosamente antes de comprar sua passagem para o habito de fumar.

Um dos requisitos adicionais à boa saúde física é o cuidado com os dentes. A bôca deve ser mantida limpa, como o resto do corpo. As cáries podem prejudicar não só os dentes, como todo o corpo.

O exercício físico é o próximo passo para a boa saúde. Podemos exercitar-nos em esportes, disputas, recreações, dança. Podemos exercitar-nos em casa, cortando a grama, cuidando da horta, consertando telhados, etc. Caminhar e andar de bicicleta são ótimos exercícios. Faça exercícios diàriamente; isto é bom para tôda e qualquer idade.

Tôda vez que participar de torneios ou disputas, pense não só no proveito físico que obterá, mas nas demais vantagens, como: esportividade, cooperação, honestidade e respeito pelas outras pessoas; isso resulta em satisfação social, emocional e pessoal, que são qualidades de grande valor para tôda a vida.

Um outro passo importante é a atitude positiva a respeito do trabalho. Aprenda a amar o seu trabalho e encontrará satisfação nêle. A satisfação contribui para a saúde emocional. Aprecie seu trabalho e êle será bem feito.

Use seu tempo livre em coisas agradáveis: jogue, divirta-se; relaxe o corpo de vez em quando. Aprecie suas amizades; prove quais são suas capacidades físicas e mentais. A lista de atividades recreacionais é enorme: use-a.

Agora, depois de ter trabalhado e brincado, descanse. Precisamos, todos nós, de repouso e relaxamento dos nervos; precisamos do sono. O sono renova as energias perdidas durante o dia. Ajuda-nos a nos preparar para um nôvo dia; revigora-nos.

O último passo é a pureza: um corpo puro é igual a uma mente pura.

# Responsabilidades no Lar

*Carolyn Hill*

Talvez a maior responsabilidade para com nossos pais seja a de vivermos uma vida digna de seus ensinamentos e sua herança. Nunca poderiam ser pagos monetàriamente por tudo o que fizeram e fazem por nós — êles não esperam sê-lo.

Mas pensem como ficam contentes, quando nós, seus filhos, assimilamos o que nos ensinam, pondo seus ensinamentos em prática durante nossa vida. Êsse é o pagamento que esperam de nós.

Viver uma vida digna da herança de nossos pais é o mesmo que nos preparar para a vida celestial.

Meus pais aconselham-me e ajudam-me, mas não podem forçar-me a viver uma vida reta. Contudo, em pagamento ao seu amor e orientação, seria muito esperarem minha obediência e respeito?

Tenho como responsabilidade dar-lhes paz de espírito, dizendo-lhes onde vou e o que faço; é minha responsabilidade desenvolver meus talentos, para que sintam orgulho de mim. Não esperam que exceda em meu potencial ou em minha capacidade — querem apenas que desenvolva minhas características religiosas e emocionais, as quais contribuirão para a minha felicidade. É claro que nossos pais, depois de tôda a preocupação, merecem que seus filhos sejam obedientes e felizes.

Não podemos separar nossos pais de nosso lar; por isso, muitas de nossas responsabilidades para com êles afetam tôda a família; por exemplo, em casa, todos temos tarefas diárias. Você pode estar designado para lavar e enxugar os pratos todos os dias. Sua mãe pediu-lhe que o fizesse, e se não o fizer, não apenas a estará desobedecendo, mas também afetará as tarefas dos outros membros da família: têm de modificar seu horário, para fazer o que você não fêz. Quando tiver algum contratempo e não poder fazer sua tarefa, planeje com a família a melhor maneira de evitar aborrecimentos: evite que o trabalho tenha de ser feito por outra pessoa.

"Dar o exemplo" é uma coisa importante dentro do lar. Somos os guardiões de nossos irmãos e não podemos esperar que consigam salvação, se não forem ensinados.

Você ajuda seus irmãos como a você mesmo? A resposta a tal pergunta determinará, em parte, se você é digno de viver na presença de Deus. Não seremos felizes na Terra se estivermos sós e, da mesma forma, não o seremos nos céus se continuarmos sòzinhos.

Contudo, se verdadeiramente amamos nosso Pai Celestial, não desejaremos ver nossos irmãos alcançarem outra glória que não seja a celestial. Tudo faremos para ajudá-los; começaremos dando bons exemplos.

Amar o lar é uma outra grande responsabilidade dos membros da família. Pois que em um lar onde existe amor, tôdas as outras qualidades desejáveis, tais como a paciência e a lealdade, estarão sempre presentes.

CIÊNCIA
&
RELIGIÃO

# A PARTIR DE CUMORAH

## NOVAS VOZES DO PÓ

*Hugh Nibley*
professor de História e Religião
na Universidade de Brigham Young

RESSURGEM
AS COISAS
PRECIOSAS

*Em março de 1952, próximo do uádi Qumran, encontrou-se êste rôlo de cobre em duas partes. Devido à oxidação, o metal acha-se bastante quebradiço.*

PARTE I (*Continuação*)

*A Apócrifa Cristã*. Em nossa curta discussão sôbre a apócrifa judaica, imperceptìvelmente entramos no campo da apócrifa cristã, outro exemplo da ubiqua superposição da qual nunca escapamos, pois a velha pergunta: "será isto judaico ou será cristão?" aflige tanto os estudiosos dos escritos cristãos primitivos quanto os que estudam os escritos judaicos antigos. As listas dos escritos apócrifos cristãos são mesmo mais desconcertantes que as judaicas, uma vez que as últimas incluem, pelo menos, catorze indiscutíveis apócrifos "bíblicos" (os taxonomistas empregam êsse qualificativo!), enquanto que entre os cristãos, nada é certo.

Em 1638, quando Carlos I, da Inglaterra, recebeu o grande Códice Alexandrino do Nôvo Testamento, como presente do Patriarca de Constantinopla, vinham como parte integrante do livro, juntamente com os textos canônicos, e òbviamente considerados como escrituras pelo povo que originalmente usou o Códice, dois escritos intitulados de *Cartas de Clemente aos Coríntios*. Tais cartas, embora freqüentemente mencionadas pelos primitivos escritores da Igreja, naquela época eram completamente desconhecidas pelos eruditos de ocidente, porquanto a Igreja havia perdido completamente a sua pista.

Êstes foram os primeiros de uma categoria especial de escritos, aos quais o teólogo católico Cotelier no século XVII deu o nome de "Padres Apostólicos," na suposição de que os autores haviam conhecido os apóstolos, ou pelo menos os seus discípulos. O título não é satisfatório e o problema da classificação dos "Padres Apostólicos" tem sido difícil, pois foram "escritos, transmitidos, interpolados, menosprezados, restaurados e analisados para propósitos teológicos e polêmicos, desde o século II até o século XX e não parece haver qualquer observador que possa compreendê-los separadamente desta história de debates."[143] Os assim denominados "Padres Apostólicos", reconhecidos hoje em dia como ortodoxos e antigos, são os seguintes:

- I Clemente, Carta aos Coríntios, escrita entre 95 e 96, em Roma, de grande autoridade na Igreja Primitiva, mas desconhecida mais tarde.
- A segunda carta de Clemente, que não é uma carta e não foi escrita por Clemente. Foi escrita provàvelmente por um sacerdote de Corinto entre 135 e 140 A.D. e contém alguns "Ditos de Jesus" realmente antigos.
- Cartas de Inácio, Bispo de Antióquia, entre 110 e 115. São cartas a Sete Igrejas, escritas durante sua viagem para o martírio em Roma; são aceitas como genuínas. O número igual de cartas é rejeitado.
- Policarpo, Bispo de Esmirna, Carta aos Felipenses. Policarpo morreu em 155.

- Papias de Hierápolis, "Ditos de Jesus," escritos entre 135 e 150.

- O Didachê, ou Ensinamentos dos Doze Apóstolos, descoberto em Constantinopla em 1872. Escrito entre 100 e 150 a.D., na Síria, Palestina ou Egito.

- O Pastor de Hermas, escrito em Roma, por volta de 140, pelo leigo Hermas; dividido em Visões, Mandamentos e Símiles para as instruções da igreja.[144]

Como exemplo da constante superposição, um discurso do Didachê sôbre a Doutrina dos Dois Caminhos (isto é, o Caminho da Luz e o Caminho das Trevas, que se encontram abertos a todos durante esta vida) aparece ligeiramente alterado na Epístola de Barnabé (classificado por alguns como um dos Padres Apostólicos) e agora parece que ambos baseiam-se num mesmo ensinamento pré-cristão muitas vêzes citado nos manuscritos do Mar Morto.[145]

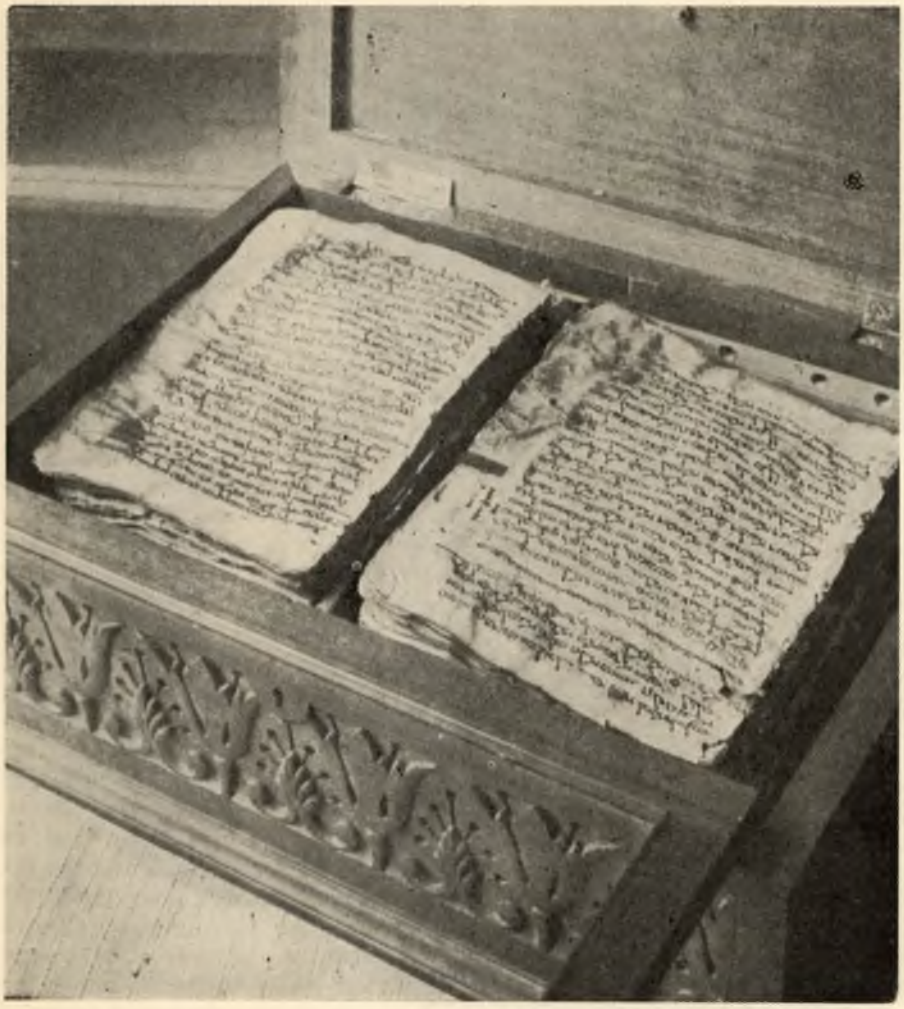
Todos os Padres Apostólicos têm relação entre si e, embora sejam ortodoxos e cristãos, mostram muitas afinidades com os Manuscritos do Mar Morto e citam ainda trabalhos apócrifos. Isto nos conduz ao problema comum de classificação: alguns ainda rejeitariam o Pastor de Hermas e pela mesma razão algumas partes do Nôvo Testamento como heterodoxas[146] e enquanto Hennecke fornece uma lista de uma centena de apócrifos cristãos autênticos, J. Perier insiste em que "a literatura apócrifa canônica da Igreja primitiva está quase tôda contida" em apenas sete trabalhos: "O Didachê a Didaschalia, as Constituições Apostólicas, os Cânones Gregos (isto é, cêrca de 84 ou 85 regras para a Igreja), os Cânones Apostólicos (27 ou 30 dêles), os Cânones de Hipólito e os 127 Cânones dos Apóstolos, que o mesmo Perier editou.[147] A todos êsses referir-nos-emos abaixo.

As areias do Egito forneceram fragmentos de papiros de evangelhos não identificados, ditos de Jesus, evangelhos apócrifos (dos nazarenos, ebionitas, hebreus e egípcios) conversações de Jesus com seus discípulos depois da ressurreição, pelo menos 40 evangelhos "gnósticos", evangelhos da infância, contando a meninice de Jesus e algumas coleções importantes de histórias não canônicas sôbre Jesus.[148]

Novamente, nada dêsse material pode ser afastado negligentemente, pois tem correlação entre si e boa parte dêle é bastante antiga. O Evangelho dos Doze Apóstolos, por exemplo, encontrado em 1913, é mencionado por Orígenes como escritura autêntica da igreja de seus dias e, em sua opinião, mais velho que o Evangelho de Lucas[149] e têm íntima relação, por exemplo, com todos os sete trabalhos mencionados por Perier.

Se pretendêssemos indicar as relações entre as centenas de apócrifos, pràticamente todos trazidos à luz *a partir de Cumorah,* logo nos encontraríamos perdidos no mar. Mas não se trata mais de um mar sem praias, porquanto graças a recentes estudos, algumas ilhas impressionantes, ainda que um tanto vagas e distantes começam a tomar forma no nevoeiro.

A mais notável delas é o conjunto de escritos conhecidos como Pseudo-Clementinos. A *Patrologia Graeca* atribui a Clemente de Roma, além das duas epístolas, cartas à virgem e a Tiago, o Maior; vinte Homílias, um trabalho sôbre os Atos de Pedro, escritos litúrgicos e os famosos Reconhecimentos Clementinos, uma novela que se constituiu em "favorita da literatura dominical" na igreja do século II.[150] Desde que se supõe haver Clemente sido bispo de Roma, as importantes Constituições Apostólicas são-lhe igualmente atribuídas, bem como algumas cartas decretais e episcopais e até mesmo a assim chamada Caverna de Tesouros — o Pseudo Efraim, ou Livro dos Anais.[151] Há quarenta anos, o famoso Eduard



*Um dos mais antigos manuscritos bíblicos existentes — no Mosteiro do Sinai. O professor Martin Sprengling, da Universidade de Chicago, traçou o nosso alfabeto segundo essa fonte, declarando que o mesmo tem origem semítica e não fenícia.*

Schwartz declarou que os escritos de Clemente não "tinham qualquer significado para o estudo do cristianismo e judaismo antigos."[152]

Hoje, porém, graças novamente aos Manuscritos do Mar Morto, a posição da "Escola de Tubingen," que via nos Reconhecimentos Clementinos a mais valiosa observação de primeira mão da igreja primitiva, foi confirmada.

Para mostrar apenas um episódio, as Constituições Apostólicas, atribuídas a Clemente, mostram afinidades com um trabalho descoberto no último ano do século XIX, que recebeu o título de "O Testamento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo." Êste trabalho também foi atribuído a Clemente pelo seu copilador e pretende conter instruções do Senhor aos Apóstolos, depois de sua ressurreição, a respeito da doutrina e organização da Igreja.

*O tesouro do Rôlo de Cobre. Os segmentos expostos. A linguagem é hebraica, apesar de estranhamente escrita e soletrada.*

Ambos êsses trabalhos também estão profundamente relacionados com um escrito descoberto em 1897, a Epístola dos Apóstolos ou conversações de Jesus com seus discípulos depois da ressurreição. (A versão etíope foi denominada "O Testamento de nosso Senhor Jesus Cristo na Galiléia".)[153] Também êstes trabalhos estão relacionados com a Didaschalia, que se apresenta como ensinamentos do Salvador aos Apóstolos, depois da ressurreição. Algumas partes desta são idênticas ao oitavo livro das Constituições Apostólicas, mas também são bastante ligadas aos cânones das Epístolas de Pedro, atribuídas a Clemente e referidas acima e a vários outros cânones apostólicos, inclusive os "127 Cânones dos Apóstolos," primeiramente publicados em 1912, que pretendem haver sido "compostos por nossos pais, os santos apóstolos e publicados por Clemente, discípulo do Apóstolo Pedro."[154]

A despeito do que se possa pensar sôbre estas obras, muitas delas revelam "completo conhecimento" dos materiais canônicos e são agora aceitas pela maioria dos eruditos, como representantes autênticas dos pontos de vista dos primitivos cristãos,[155] para os quais os seus ensinamentos, principalmente aquêles sôbre a volta do Salvador depois da ressurreição, eram "de soberana importância."[156]

Quando, pela primeira vez o Senhor se encontrou com os apóstolos, depois da ressurreição, repreendeu-os pela dureza dos seus corações e por sua lentidão em crer; pois haviam pensado que tudo estava consumado com a crucificação e, quando testemunhas fidedígnas informaram que Jesus havia ressuscitado, obstinadamente recusaram-se a acreditar. Sòmente quando o Salvador tomou-os pela mão e, por um período de 40 dias deu-lhes instruções sôbre "as coisas do reino" é que se sentiram prontos para partir como missionários por todo o mundo.

Aquelas instruções dadas após a ressurreição transformaram completamente os apóstolos; entretanto, poucas dessas inestimáveis instruções encontram-se na Bíblia! É, pois, de grande importância o fato de a maioria dos escritos cristãos primitivos que estão sendo revelados ao mundo, anunciarem estar ministrando exatamente aquêles ensinamentos dados por Jesus Cristo a seus apóstolos, depois da ressurreição e que tanta falta nos fazem.

A êste respeito, existe uma coleção especial de documentos recentemente descobertos, que é a mais valiosa de tôdas.

*Os Gêmeos Egípcios de Qumran.* Referimo-nos à biblioteca de Nag Hammadi, uma descoberta cuja importância só encontra rival nos Manuscritos do Mar Morto.[157] É uma coincidência notável que, no mesmo ano em que os árabes da Palestina começaram a trazer para os mercados escritos misteriosos, do que se verificou ser a mais antiga biblioteca judaica até então conhecida, os árabes do Egito, no Alto Nilo, começaram a trazer escritos igualmente misteriosos da mais antiga biblioteca cristã que se conhece.

Foram encontrados onde se localizava uma comunidade religiosa primitiva, cêrca de 90 a 100 km. ao norte de Luxor e consistiam de treze volumes encadernados a couro (livros, não rolos), representando 44 diferentes escritos, abrangendo "cêrca de 1.000 fôlhas grandes, das quais 800 aproximadamente em boas condições."[158] Embora a biblioteca date do século IV, "certo número dêsses textos provém do século II," sendo que um escrito importante, por exemplo, oriundo "de uma pequena igreja de aldeia não atingida ainda pelo gnosticismo (isto é, apostasia), data de 125 a 150 A.D."[159] Como acontecera na Palestina, a descoberta do maravilhoso tesouro foi também acompanhada por tôda a sorte de mistérios e intrigas, com problemas intrincados a respeito de propriedade, apresentando um obstáculo formidável à publicação.[160]

Da mesma forma que os Manuscritos do Mar Morto, êstes também revelaram-se ao mesmo tempo excitantes e perturbadores, por causa de sua doutrina altamente irregular.[161] Aquelas pessoas, embora se trate dos mais antigos cristãos que se conhece, não falavam como o mundo cristão atual imagina que os cristãos primitivos costumavam falar, do mesmo modo que o povo de Qumran não falava como bons judeus ortodoxos. E ainda mais, o que é surprêsa, os mais antigos escritores cristãos e judaicos que se conhece, vivendo a 1.600 km de distância e alguns séculos à parte falavam de maneira muito semelhante! Não sòmente ambos os grupos se afastam do ensino tradicional da Igreja e da sinagoga, como o fazem exatamente na mesma direção.

Já indicamos, por exemplo, que a obra intitulada Evangelho dos Doze Apóstolos, descoberta em 1912, e que Orígenes afirmara ser mais antiga que o evangelho de Lucas, pertence a um grupo de escritos que tratam dos ensinamentos de Jesus Cristo, depois da ressurreição. Se nos voltarmos para os textos de Nag Hammadi, recentemente descobertos, veremos que o primeiro a ser publicado (o Evangelho de Tomé), começa com as seguintes palavras:

"Êstes são os ensinamentos secretos que o Senhor, que estava morto e agora vive, isto é, o Salvador Ressurrecto, falou a Judas-Tomé..."[162] A seguir, vemos que as citações do Nôvo Testamento nesta obra (que foi escrita por volta de 140 a.D.) "são bastante similares a uma coleção usada pelo autor de I Clemente."[163] Referimos, também, que o Evangelho dos Doze Apóstolos relaciona-se ìntimamente com Clemente, e H. J. Schoeps mostrou que nenhum outro escrito está mais de perto relacionado com os Manuscritos do Mar Morto, que os Pseudo-Clementinos![164]

Coroando tudo isto, Oscar Cullmann acha que essa "mistura confusa de velhas tradições," no Evangelho de S. Tomé, indica uma origem "nas proximidades do Jordão oriental, onde os judeus cristãos instalaram-se depois da queda de Jerusalém em 70 a.D."[165] o que nos traz das distantes paragens do Nilo às comunidades dos Manuscritos do Mar Morto, no deserto, onde nossas duas bibliotecas, judaica e cristã, parecem ter origem comum.

Em 1956, um erudito egípcio, Pahor Labib, que também é copta, publicou um volume de fotografias dos textos recentemente descobertos, incluindo fotografias completas do Evangelho de Felipe e Tomé, o Apócrifo de João, uma obra denominada *"Apostasis dos Eoas"* (sôbre a autoridade) e uma obra sôbre a criação.[166] Uma coleção de 100 páginas foi secretamente adquirida por um suiço rico e levada a Zurique em 1952, recebendo o nome de *Códice de Jung,* em homenagem ao psicólogo C. J. Jung; continha o "Evangelho da Verdade," o "Apócrifo de Names," um Apócrifo de João, do século II, um tratado sôbre as "Três Naturezas ("uma exposição mística e teológica de vastas dimensões e grandes detalhes"), uma obra sôbre a ressurreição, denominada *Carta a Rheginos.*[167]

Os Evangelhos de Tomé e Filipe e o Evangelho da Verdade já existem em inglês.[168] Para um santo dos últimos dias, algumas das outras obras seriam de interêsse muito maior.

Junto com êsses achados cópticos, devem ser mencionados alguns velhos textos cristãos em grego: os Papiros de Bodmer. Êsses papiros do século III são as mais velhas cópias (a original data de 175-200 a.D.) e os únicos exemplares na língua original, de uma correspondência apócrifa, entre Paulo e os Coríntios, das quais se conheciam, há muito tempo, cópias em outras línguas. Êsses papiros foram encontrados no Egito e primeiramente publicados em 1958 e 1959.[169] Juntamente com êles foi descoberto o primeiro texto grego das famosas "Odes de Salomão," que merecem nossa atenção como um notável elo de ligação entre os textos cópticos de Nag Hammadi e os hebraicos dos Manuscritos do Mar Morto.

As "Odes e Salmos de Salomão" foram primeiramente descobertas em 1906, no lugar de uma antiga comunidade cristã, às margens do Tigre. Estavam escritas em siríaco e agora, no papiro de Bodmer n.º XI, temos a décima primeira dessas odes em grego, cujo papel tem três séculos a mais de idade que os textos siríacos. Os Salmos de Salomão, escritos entre 80 e 40 a.C., são, sem dúvida, judaicos, entretanto, a controvérsia usual surgiu contra as Odes (100-150 a.D.), as quais Harris acreditou terem sido escritas por alguém que, "embora não sendo judeu, era membro de uma comunidade cristã, cujos membros, na maioria de origem judaica," viviam provàvelmente em Pela, como refugiados judeus-cristãos da queda de Jerusalém.[170] Isto, antes que os manuscritos do Mar Morto fôssem conhecidos, trouxe as Odes e Salmos diretamente para dentro da órbita daqueles, e as discussões sôbre as Odes e Salmos cinqüenta anos atrás, com suas referências aos invasores romanos, sectários judeus e fugas para o deserto, pareciam-se extraordinàriamente com as discussões daqueles manuscritos, encontrados na década passada.

Alguns eruditos, por muito tempo, insistiram em dizer que as Odes e os Salmos eram uma composição única, enquanto outros diziam que as Odes eram cristãs e os Salmos judaicos, ao mesmo tempo que Harmack insistia em que ambos eram judaicos, ainda que com interpolações muito semelhantes aos escritos joaninos.[171]

*Os registros de Dario, da Antiga Pérsia, gravados em sólidas placas de ouro, são alguns dos recentes achados.*

Isto é interessante, porque uma das primeiras coisas observadas sôbre os Manuscritos do Mar Morto, foi o fato de serem muito semelhantes aos escritos de João. Battifol viu uma ligação muito íntima entre as Odes e uma obra cóptica denominada *Pistis Sophia,* cuja primeira parte "relata como Jesus passou 12 anos depois da ressurreição, ensinando a seus discípulos, os mistérios dos 'lugares' celestiais."[172] Esta, por sua vez, é ligada aos recém-descobertos Salmos de Tomé (uma obra siríaca, que não deve ser confundida com o Evangelho de Tomé), que contém um hino didático muito antigo sôbre a pré-existência, conhecido como "A Pérola."[173] A descoberta surgiu com um choque adicional: um dos Salmos de Salomão, que havia sido

completamente pôsto de lado, por causa de seu pouco valor literário, em comparação com as Odes, continha uma referência explícita e direta à comunidade de Qumran, que havia produzido os Manuscritos do Mar Morto.[174] Dêsse modo, muito ao longe para o leste, numa antiga comunidade cristã sôbre o Rio Tigre, descobria-se uma coleção de registros siríacos que pertencia ao mesmo tempo ao ambiente dos Manuscritos do Mar Morto no deserto da Judéia, e à biblioteca de Nag Hammadi, no Alto Egito.

*Os ditos de Jesus*. O aspecto mais sensacional dos papiros cópticos, recentemente descobertos, é o fato de encontrarmos nêles muitas expressões

*O sírio metropolitano Athanasius Yeshue Samuel (à direita), examinando os seus quatro rolos na companhia do dr. John C. Trever, diretor do Departamento da Bíblia Inglêsa para o Conselho Internacional de Educação Religiosa.*

atribuidas a Jesus e não registradas na Bíblia. Do mesmo modo que a descoberta de temas e frases vagamente familiares nos novos textos judaicos e cristãos levaram os estudiosos a pesquisarem nos escritos apócrifos há muito esquecidos; também a descoberta recente dos ditos de Jesus faz-nos lembrar que muitos dêles têm estado por aí ao nosso alcance por muitos anos, quase totalmente ignorados.[175]

Precisamos agora de reconhecer a evidente possibilidade de que alguns, senão muitos dêsses ditos sejam genuínos, e por isso de grande importância. Tais escritos têm sido conhecidos com o nome de *Logia* (Ditos) ou *Ágrafa* (coisas não escritas) de Jesus. São encontrados: (a) no próprio Nôvo Testamento, (b) em textos variantes do Nôvo Testamento, (c) em muitos dos escritores eclesiásticos até Sto. Agostinho e (d) atualmente nas areias do Egito.[176] Como exemplo do segundo caso, M. R. James apresenta as seguintes adições a Marcos 16:3, encontradas em alguns textos primitivos: "Na terceira hora do dia vieram trevas sôbre todo o globo da Terra; e anjos desceram dos céus..."[177]

Eis aqui um interessante comentário à grande escuridão relatada no Livro de Mórmon, bem como uma evidência significativa (quer o aceitemos ou não como escritura) e que os primitivos cristãos estavam bem seguros de que a Terra é redonda. É bom lembrarmos que o argumento de Orígenes a favor da redondeza da Terra baseava-se em que os primitivos cristãos ensinavam que Deus tinha povos com os quais fizera convênios no outro lado do mundo — os antíctones.[178]

A *Logia* ou *Ditos de Jesus*, tal como podemos encontrar nos primitivos Pais foi imerecidamente negligenciada por muitos anos, por causa da idéia de que a Bíblia continha tudo que existe para sabermos. ("Uma Bíblia, uma Bíblia, já temos uma Bíblia e não pode haver nenhuma outra." (II Nefi 29:3) A negligência é imerecida, porque tôdas as palavras de Jesus, contidas na Bíblia, podem ser lidas em *meia hora*, embora os seus sermões freqüentemente durassem horas! Qual o bom cristão que seria tão insensato a ponto de afastar-se do Salvador, enquanto êle falava? É também indesculpável, porque as palavras atribuídas a Jesus são encontradiças em todos os escritores da Igreja do primeiro período. Se tais homens insistem em citar palavras que acreditam ser do Salvador, quão grande tolice seria recusarmos-lhes a nossa atenção! A despeito disso, foi sòmente depois da descoberta de outro grande papiro, no Egito, na passagem do século, que se começou a dar séria atenção à Ágrafa.

A coleção foi a de Oxyrhynchus, encontrada em 1885, 200 quilômetros ao sul do Cairo e 30 quilômetros a oeste do Nilo e inclui, entre dezoito volumes de papiros publicados, o Papiro de Behnesa, conhecido como "Ditos de Nosso Senhor."[179] Dez dêsses ditos foram tratados com particular respeito, porque são igualmente citados por Orígenes, o primeiro e o maior dos teólogos cristãos.[180] E agora, das areias de Nag Hammadi, ainda mais a montante do Nilo, surge outra biblioteca, com mais Ditos de Jesus, cuja maioria se pode encontrar no Evangelho de Tomé, entre cujas 114 Logias encontra-se uma quinta parte dos Ditos de Oxyrhynchus.[181]

Em 1896, Alfred Resch considerou como genuínos trinta e seis dentre mais de duzentos Ditos de Jesus, que havia coligido.[182] Hoje, observando a coleção, recentemente aumentada, os eruditos estão propensos a aceitar pelo menos dez dêles como autênticos e outros dez como muito prováveis.[183] E em que se baseiam? Baseiam-se em evidências externas, respondendo à pergunta: "Os ditos foram citados por alguma fonte antiga e digna de crédito?" e evidências internas, respondendo à seguinte pergunta: "Está de acôrdo em estilo e conteúdo com o pensamento de Jesus, como o conhecemos nos evangelhos canônicos?"[184]

Êste segundo ponto, sem dúvida, é que tem sido o refúgio dos teólogos e dos eruditos desde o começo, de vez que é o mesmo que perguntar: "Será isto o que *eu* acho que Jesus teria dito?" A pergunta tornou-se, contudo, sem sentido uma vez que as novas descobertas demonstram que existem muitas coisas que nenhum erudito por si só pensaria serem possíveis.

Devemos estar preparados para surprêsas e prevenirmo-nos contra a natural tendência de querer fazer com que cada nôvo texto diga o que nós gostaríamos que dissesse. Se as evidências externas mostram que um Dito, como o da Logia n.º 2 do Evangelho de Tomé, atribuido a Jesus, nos papiros antigos de Oxyrhynchus e Nag Hammadi também aparece nos escritos de Orígenes, Clemente de Alexandria e no evangelho perdido dos hebreus, o erudito que o puser de lado, por não representar *sua* idéia, daquilo que Jesus deveria dizer, estará sendo muito ousado, sem dúvida.[185]

*Continua*

## NOTAS

*143*. R. M. Grant, em *The Journal of Religion*, 39(1960) pág. 120.

*144*. Texto completo e discussão a respeito (exceto quanto ao Didachê)

podem ser encontrados em A. R. M. Dressel, *Patrum Apostolicum Opera* (Leipzig, 1863). Para traduções, E. Goodspeed, *The Apostolic Fathers, an American Translation* (Nova York: Harper, 1950).

*145*. L. W. Barnard em *Church Quarterly Review,* 1958, pág. 229.

*146*. E. Peterson, em *Vigiliae Christianae,* 8(1954) pág. 70.

*147*. J. Perier, em *Patrologia Orientalia,* VIII, 553.

*148*. Todos êsses estão traduzidos para o alemão por E. Hennecke e W. Schneemelcher, op. cit., vol. I(1959).

*149*. E. Revillout, em *Patrologia Orientalia,* II, 123-7.

*150*. R. M. Grant, *Second Century Christianity* (Londres: SPCK, 1946) pág. 10.

*151*. Stegmüller, op. cit., I, nº 76.

*152*. E. Schwartz, em *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft,* 31 (1932), págs. 151/199. Obras padrões sôbre êsse discutido tema são de Rud. Knopf (1899), Hans Waitz (1904 e 1929), C. Schmidt (1905 e 1929), W. Heintze (1913), F. Gerke (1931), G. Rehm (1939), O. Cullmann (1954), H. J. Schoeps (1958), G. Streckes (1959) e W. Ullmann (1960).

*153*. L. Guerrier e S. Brebaut (edits.) *Le Testament en Galilee de Notre-Seigneur J-Christ,* em *Patrologia Orientalia,* IX, 143/236.

*154*. E. Rahmani (ed.) *Testamentum Domini nostri Jesu Christi* (Mainz, 1899). O relacionamento é discutido a fundo por C. Schmidt, em *Gespräche Jesu mit seinen Jüngern nach der Auferstehung,* vol. VII (1919) do *Texto und Untersuchungen,* págs. 156/9, 162/4, 211/13, 230. H. J. Schoeps fêz um estudo mais recente sôbre o assunto em *Studia Theologica,* 8(1955), pág. 41. O. Perler, em *Revista de Archeologia Christiana,* 25 (1949), pág. 72 acentua a dependência de Clemente I em IV Macabeu. Há um texto e discussão sôbre os 127 *Canons of the Apostles* em *Patrologia Orientalia,* VIII, 553-710, editado por J. e A. Perier. A citação localiza-se na pág. 567.

*155*. C. Schmidt, op. cit., pág. 213.

*156*. Idem, pág. 245.

*157*. Êstes documentos são discutidos, conforme aparecem, no periódico holandês *Vigileae Christianae,* 1946.

*158*. W. C. van Unnik, em *Newly Discovered Gnostic Writings* (SCM Press, 1960, nº 30 de *Studies in Biblical Theology*), pág. 8.

*159*. Esta era a *Apócrifa de Tiago*; a citação é de W. C. van Unnik, em *Vigiliae Christianae,* 10 (1956), pág. 156.

*160*. Van Unnik, *Newly Discovered Gnostic Writings,* pág. 11.

*161*. Idem, pág. 9.

*162*. A. Guillaumont, H. Ch. Peuch, G. Quispel, W. Till e Y. 'abd al Masih, *The Gospel According to Thomas* (Nova York: Harpers, 1959), pág. 3.

*163*. W. Frend, em *Antiquity,* 34 (1960), pág. 263.

*164*. H. J. Schoeps, *Urgemeinde, Judenchristentum,* Gnosis (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1956), págs. 69/86.

*165*. O. Cullmann, em *Hibbert Journal,* 60(1961), pág. 121; confronte com *New Testament Studies,* 5(1959), pág. 166, do mesmo autor.

*166*. P. Labib, *Coptic Gnostic Papyri in the Coptic Museum at Old Cairo,* Vol. I (Imprensa do Govêrno, Cairo, 1956).

*167*. Vide introdução de N. Malmaine em *Evangelium Christianae,* 9(1955) págs. 66/102, onde o autor analisa a *Apócrifa de João.*

*168*. Vide nota 162. R. M. Wilson, *The Gospel of Philip* (Nova York: Harper e Row, 1962); M. Malinine, et. al., *Evangelium Veritatis* (Zürich: Rascher, 1956).

*169*. M. Testuz (ed.)*Papyrus Bodmer* X-XII (Cologne - Geneve: Bibliotheca Bodmeriana, 1959).

*170*. J. R. Harris, *The Odes and Psalms of Solomon* (Cambridge University, 1909), págs. 87,55. Os Salmos foram conhecidos antes das Odes, sendo publicados por O. V. Gebhardt, em *Texte und Untersuchungen,* XIII (1895).

*171*. P. Battifol, em *Revue Biblique,* N.S. 8(1911) págs. 22/28, discute várias teorias. W. Bauer em *Kleine Texte,* Nº 64(1933) considera que as Odes acham-se muito próximas a Inácio de Antioque, tendo surgido no fim do século I.

*172*. G. Horner, *Pistis Sophia* (Londres: SPCK, 1924) págs. XV-XVI.

*173*. A. Adam, *Die Psalmen des Thomas und das Perlenlied...* Beiheft 24 (1959) de *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft.*

*174*. Êste era o Salmo 17 (ou Ode 60[59]).

*175*. H. Köster, em *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft,* 48 (1957), pág. 221. Coleções de Agrafas poderão ser encontradas em *Patrologia Orientalia* IV, 151-182; XIII, 335-431; XIX, 531-624; J. H. Ropes, em *Texte und Untersuchungen,* Nº XIV(1896), Heft 2(154 Ditos de Jesus); também em *Kleine Texte,* nº 11; A. Resch, *Agrapha,* em *Texte und Untersuchungen,* N.F. 15, (1906), Heft 3/4 (426 páginas). Doze cartas medievais, denominadas "Cartas do Céu" supostamente contendo palavras de Jesus, F. Stegmüller, *Repertorium,* I, nº 148.

*176*. *Expository Times,* 69(1958), pág. 97; Köster, op. cit., pág. 223.

*177*. M. R. James, *Apocryphal New Testament*(1925 ed. em) pág. 33.

*178*. Orígenes, *Peri Archon,* II,iii,6, em *Patrologia Graeca* 11:194.

*179*. Grenfell e A. S. Hunt, *Sayings of Our Lord*(Londres, 1897).

Vide discussão de P. Battifol, em *Revue Biblique,* N. S. 6(1909) págs. 510/515.

*180*. L. E. Wright, em *Journal of Biblical Literature,* 65(1946), págs. 175.

*181*. E. Roques, em *Revue de l'histoire des Religions,* 157(1960), pág. 195 e G. Garite, em *Museon,* 73(1960), págs. 151/172.

*182*. H. Koster, op. cit., pág. 221|

*183*. Loc. cit., e *Expository Times,* 69(1958), págs. 97/99. J. H. Ropes, J. Jeremias e W. Kümmel discordam entre si, mas não totalmente.

*184*. *Expository Times,* 69(1958) pág. 97.

*185*. R. Roques, op. cit., pág. 197.

O conselho é gratuito, mas o bom exemplo custa alguma coisa. Deve ser por isso que o primeiro é abundante e o segundo tão escasso.

Se me permitir, eis o meu voto: que em seu futuro haja suficiente trabalho para fazer e vigor suficiente para fazer o trabalho — *Kipling.*

O quanto somos amados, podemos dizer que somos quase indispensáveis; homem nenhum será sem valia enquando tiver um amigo — *Stevenson.*

Aquêle que pratica o bem pelo amor ao bem não procura louvor ou recompensa, mas sabe que encontrará a ambos no final — *William Penn.*

"Dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida que tiverdes medido vos medirão também" *Lucas 6:38.*

# MEU CANTINHO

## Chico Gaita e a Cabeça de Baleia

*Conclusão*

*Murrey T. Pringle*

**Resumo:** *Francisco Ferreira, apelidado "Chico Gaita," e seus dois amigos rumavam em direção à* Ilha Cabeça de Baleia, *às vêzes chamada* "Rochedo da Explosão", *a fim de se divertirem por algumas horas. Mas as notas estridentes que Chico arrancava de sua gaita tão estimada, não divertiam os outros dois meninos, que taparam os ouvidos e sugeriram que êle deixasse de tocar.*

*Uma tormenta repentina trouxe dificuldades ao grupo, cujo barco bateu em um rochedo e começou a submergir. Dez minutos mais tarde, três meninos encharcados permaneciam de pé na ilha dos rochedos. A não ser que conseguissem achar uma saída ou enviar uma mensagem, morreriam de fome.*

"Bem, não adianta lamentar," disse Chico. "E além disso, há sempre a possibilidade de pegarmos peixes. Mais cedo ou mais tarde alguém nos encontrará."

"Pegar peixes?" perguntou Pedrinho. "Com o quê? Não temos varas, nem iscas, nem barco, nem coisa alguma. Nós naufragamos, lembra-se?"

"Então a decisão é nossa," replicou Chico, recusando-se a desanimar. "Temos que achar uma saída. A tempestade está amainando. Logo que cessar, procuraremos algo que possamos usar."

Assim que a tempestade cessou, os meninos principiaram a busca.

"Ei, companheiros!" berrou Pedrinho. "Achei um pedaço de madeira que resistiu ao temporal. Está bem aqui em cima do rochedo e talvez possamos usá-lo para construir uma boa fogueira e lá da praia alguém a verá!"

"Boa idéia," disse Chico. "Devemos reunir tudo quanto fôr de madeira que encontrarmos!"

Alguns minutos mais tarde, Chico e Pedrinho, descarregavam uma braçada de madeira sôbre o rochedo liso e olhavam ao seu redor para ver se encontravam Bento. Não podiam vê-lo, mas mesmo assim Chico gritou, "Como está se saindo, Bento?"

"Muito bem!" veio a resposta do outro lado distante da ilha. "Encontrei uma tábua enorme e deu-me uma..." A sentença foi bruscamente interrompida, sendo seguida de um assustador grito de socorro.

"Que terá acontecido?" perguntou Pedrinho, com bastante preocupação.

Correram ao local e encontraram uma pesada prancha entalada numa fenda rochosa — mas nem sinal de Bento. Bem em baixo do referido lugar onde a prancha se encravara, a topografia da ilha transformava-se em penhasco escarpados.

"Bento! Onde está você?" gritava Chico. E nada de resposta. "Êle deve ter sido arrancado da prancha e de certo perdeu o equilíbrio e caiu." imaginou Chico.

Cautelosamente os dois meninos se aproximaram da beira do penhasco e espiaram para baixo. "Lá está êle!" exclamou Pedrinho, apontando para a figura que se debatia entre algumas pedras boleadas.

"Chico, parece que êle está... parece morto!"

Apressaram-se o quanto lhes permitia a segurança e resvalaram para baixo, em direção à fina orla de praia onde jazia Bento. Quando se aproximaram, ouviram gemidos. "Está vivo!" exclamou Pedrinho.

Bento estava realmente vivo. Havia apenas estado atordoado pela queda.

"Menino, você tem sorte, mesmo!" disse Pedrinho mais tarde, quando se

dirigiam novamente para a parte central da ilha. "Se você não tivesse aterrissado nesta faixa de detritos e sargaços, teria sido esmagado sôbre o rochedo. Afinal, o que foi que aconteceu?"

"Estava tentando puxar aquela prancha estragada, soltando-a," disse Bento, "quando bati minha mão num prego. Pulei de costas e caí. Aquela prancha pode permanecer onde está, no que me diz respeito!"

"Não precisamos dela de modo algum," disse Chico.

"Já temos o suficiente. Vejamos se podemos acender a fogueira e fazer sinais a fim de que sejamos vistos por alguém em terra."

Os meninos empilharam as varetas para fazer a fogueira e Pedrinho acendeu-as com fósforos de seu envólucro à prova d'água. O fogo ardeu, os meninos se animaram — mas não durou muito. Quase como se estivesse esperando, uma nova rajada de vento chegou repentina, espalhando o madeirame por tôda a parte, arremessando-o na água, onde as chamas vieram a se extinguir.

"Oh, não!" vociferou Pedrinho. Parecia desconsolado ante os companheiros.

Êles formavam um grupo preocupado e Pedrinho começou a imaginar qual seria o horrível destino que os aguardava naquela ilha deserta. Durante muito tempo ninguém falou. Foi quando Bento tremeu de frio e disse, "Estou congelado!"

Pedrinho concordou, "Eu também. Estou com tanta fome que comeria até os meus sapatos! Temos que dar um jeito de sair desta ilha."

"Iremos dar uma outra busca na ilha," afirmou Chico. "Talvez encontremos algo útil. Apanhem tudo o que acharem e tragam aqui de volta. Procurem alguns pedaços de madeira, mais resistentes, para que possamos construir uma jangada. E de qualquer forma, se fizermos movimento, nos aqueceremos."

Dentro de pouco tempo tinham conseguido reunir um bom número de juncos mas nenhum dêles parecia aproveitável. Havia alguns pedaços de lona, latas, um machado velho e poucas pranchas. Pedrinho apareceu arrastando uma chapa de zinco que os meninos, certa vez, haviam levado para a ilha, tencionando construir uma cabana. Enquanto o descarregava sôbre a pilha, disse:

"Não há um só bom pedaço de madeira com que se possa construir uma jangada, por menor que seja; êsses pedaços estão estragados demais. Não sei como estas tranqueiras podem nos ajudar. São nada mais que refugo."

Chico concordou. As pranchas, lonas e latas eram coisas que já tinham sido usadas para testar o orifício da explosão. Costumavam esperar até que as águas baixassem e depois colocavam uma prancha ou lonas sôbre a entrada, retrocediam a uma certa distância e observavam a eclosão do ar, que, no impacto lançava para o alto os objetos. Mas agora êles não estavam interessados em qualquer brincadeira!

Chico colocou-se de joelhos, apanhou sua gaita e a examinou meticulosamente. De repente saltou, tendo o olhar iluminado pela emoção: "Ei... tive uma idéia. Parece maluca mas pode funcionar. Onde está a cabeça do velho machado?"

A cabeça do enferrujado machado foi encontrada e colocaram nela um tôsco cabo de madeira. Chico tirou, então, a chapa da pilha.

"Qual é a idéia?" perguntou Pedrinho

"Bem," disse Chico, "vocês se lembram do que disseram de minha gaita? Bem, talvez a idéia nos tire desta ilha."

Pedrinho e Bento entreolharam-se e sacudiram a cabeça. Chico não se fazia entender. Mas Chico estava muito ocupado para dar explicações demoradas. Cortou a chapa em pedaços até reduzí-la ao tamanho de 1 metro de comprimento por 80 cm de largura. Fêz mais cortes e deixou-a prêsa a uma extremidade.

"Agora!" Exclamou com dificuldade, pondo-se de pé e arrastando a chapa consigo. "Estamos prontos para a prova. Desta vez vamos fazer uso do orifício da explosão, mas não brincaremos!"

Os meninos esperaram até que o fenômeno se manifestasse; então arrastaram a chapa, até que esta tampasse a abertura.

"Certo! Agora fiquem de pé em cima dela," ordenou Chico. Um em cada ponta."

"Espero que você saiba o que está fazendo, Chico," afirmou Bento enquanto êle e Pedrinho tomavam posição nas extremidades opostas da chapa.

"Eu também," disse Chico. "Logo veremos."

E assim foi. Quando a onda seguinte arremessou-se na caverna, uma enorme rajada de vento projetou-se pela abertura. Desta vez, pelo fato da chapa de zinco estar cobrindo o orifício com os meninos alí firmes, a "chaminé" da *Cabeça de Baleia* atuou de modo diferente.

Quando o ar comprimido forçou a passagem através do orifício vedado, um grito como que de feiticeira ecoou pelos ares. Soava como sirene e os meninos taparam os ouvidos para não ouvir o som produzido, que vibrava desenfreadamente, causando uma sensação esquisita nas solas dos pés, enquanto dedos invisíveis faziam arrepiar seus cabelos.

"Puxa!" gritou Bento, depois da corrente de ar ter deixado a caverna. "Isto é terrível! Mas vejam como funciona!"

Chico arreganhou os dentes em triunfo. "Se pudermos fazer esta sirene funcionar, logo teremos a cidade inteirinha por aqui."

E êle estava certo. Dentro de uma hora, três barcos a motor e uma dúzia ou mais de barcos a remo tomavam a direção da ilha para verificar o que havia de errado.

Os meninos foram socorridos e como era de se esperar, todos queriam saber o que Chico havia feito para produzir aquêle grito da *Cabeça de Baleia.*

"Não fiz muito, realmente," afirmou Chico. "Examinei bem os dispositivos de minha gaita de bôca," e exibiu sua tão querida gaita— "e notei as pequeninas separações de metal que fazem música quando nosso fôlego as fere. Olhei bem, e imaginei como poderia usar o mesmo sistema para tornar o sôpro da abertura em uma espécie de super-gaita. Experimentei e funcionou. Só isso."

Quando a lancha de socorros alcançou a terra firme novamente, Pedrinho e Bento prometeram nunca mais proferir uma só palavra contra a maravilhosa gaita, não importa quanto tempo Chico levasse para aprender a tocá-la.

Entretanto, Chico, o herói da *Ilha da Cabeça de Baleia,* já havia esquecido o episódio.

Mais uma vez êle soprava todo o seu fôlego na querida gaita, conseguindo apenas tocar um acorde bem curtinho!

Advogado, agente policial e educador, W. Cleon Skousen nunca está ocupado demais para trabalhar na obra da Igreja, ou para colocar sua pena ágil e facilidade de expressão a serviço dela. Nascido no Canadá, atingiu a idade adulta na Califórnia e no México, fêz missão nas Ilhas Britânicas e presidiu mais tarde a Missão da Estaca de Washington. Trabalhou também, durante muitos anos, para o FBI. Élder Skousen já integrou o corpo docente da Universidade de Brigham Young, como assistente de oratória e diretor de serviços públicos; já escreveu manuais para a AMM, o roteiro de um filme sôbre o Plano de Bem-Estar da Igreja e diversos outros livros que alcançaram tanta popularidade que foram traduzidos para o espanhol. A última obra a brotar de sua pena, enquanto Chefe de Polícia em Salt Lake City, foi esta série, iniciada com o título "Então Você Pretende Criar Um Rapaz?", que prosseguirá sob a designação genérica de "Então É Disso Que São Feitos Os Meninos?" Posteriormente publicou também o livro "The Naked Communist."

# ENTÃO VOCÊ PRETENDE CRIAR UM RAPAZ?

Muitos anos atrás meus companheiros de trabalho na fôrça policial instaram comigo para que escrevesse um livro sôbre delinqüência juvenil. Relembrando o fato agora, percebo que a razão pela qual não pude atender àquele pedido era que minha própria ninhada de oito pequenos turbulentos vinha-me despertando gradualmente a secreta desconfiança de que os pais não necessitam tanto de um estudo sôbre delinqüentes juvenis, quanto de um catálogo de sugestões práticas e concretas sôbre a forma de se criar uma família de não-delinqüentes.

Portanto, é principalmente a respeito disto que versará o presente estudo. Trata-se de uma tentativa arriscada de estabelecer com tôda a simplicidade possível o ABC da psicologia da criança e os XYZ da sobrevivência paterna. Em outras palavras, são as coisas que eu gostaria que tivessem tido a coragem de me dizer, quando comecei a criar a minha própria família.

É possível que alguém fique curioso de saber porque êste estudo restringe-se aos garotos. Foi mera questão de conveniência. A verdade pura e simples é que os garotos metem-se em complicações dez vêzes mais que as meninas. É claro que as meninas têm problemas também, mas talvez possamos dar-lhes a quota justa de consideração quando acabarmos de conversar sôbre os rapazes.

Ao publicarmos um estudo desta natureza, sentimos confôrto em saber que não existem peritos vivos neste campo da criação de rapazes. Há muitos estudiosos do assunto, mas nenhum perito. Tive certa vez um amigo, no último ano da escola, que pretenciosamente proclamava-se perito, mas quando o encontrei, alguns anos mais tarde, êle era um homem arrasado. Casara-se logo após a formatura e quando os filhos vieram, dispensaram sua orientação. Naturalmente isto só era válido num sentido humorístico e relativo, mas evidenciava uma lição que todos nós acabamos por aprender, ou seja, que existe uma tremenda diferença entre o texto de um livro sôbre psicologia infantil e um menino de verdade — particularmente um que tenha herdado tôda a "malandrice" de seu pai!

*"Estarei Criando um Delinqüente Juvenil?"*

Eis uma pergunta que os pais geralmente fazem à polícia, tôda a vez que um garôto se mete em encrencas sérias. Para que êsses pais de garotos-problema não pensem que deixaremos o assunto "delinqüência" de fora, deveremos esclarecer alguns fatos, aqui no início, antes de prosseguir com a análise do desenvolvimento de um menino normal.

Em primeiro lugar, tranqüiliza bastante os pais principiantes, saber que é normal ter problemas com os filhos. Muitos casais jovens começam a nova vida com a profunda convicção de que *seus* filhos serão diferentes; mas, quando os rebentos chegam, descobrem como todos os outros que êles não passam de sêres humanos comuns, afinal de contas — e isto significa problemas. Naturalmente seus problemas não precisam tornar-se crônicos, mas haverá problemas. Esta incumbência de moldar o caráter das crianças e criar bons cidadãos é apenas um antiquado processo de construção — e nenhuma coisa de valor foi jamais construída sem que se enfrentasse muitos contratempos, exigindo diversas soluções de última hora.

As estatísticas indicam que aproximadamente 95% dos pais são bem sucedidos em manejar os problemas

de seus filhos, mas existem os casos restantes, em que as dificuldades tornam-se tão complexas para ambos, jovens e pais, que êstes fracassam em encaminhá-los de forma aceitável para a sociedade. E isto é o que os delinqüentes juvenis realmente são — garotos com problemas que não estão sendo resolvidos a contento.

Tomemos como exemplo um rapaz de 18 anos que mal pode comer e dormir, porque sonha com um calhambeque que viu à venda em algum estacionamento. Se essa ansiedade impulsiona-o à ação, de forma que surpreende a família arranjando um emprêgo para comprar o carro, êle recebe tapinhas no ombro com a predição de que provàvelmente será um sucesso na vida. Mas se êle fica resmungando e lamentando-se pelos cantos porque seu pai não lhe dá o carro, e usa isto como desculpa para sair uma bela noite e roubá-lo, então êle está numa enrascada com E maiúsculo, e a polícia local acabará por catalogá-lo como delinqüente juvenil.

Esta é, pois, a primeira coisa que estabeleceremos a respeito do assim chamado delinqüente juvenil: *êle é, de ordinário, uma rapaz comum com problemas que êle e os adultos que o cercam, não estão resolvendo satisfatòriamente para o resto da comunidade.*

Disto conclui-se que o delinqüente pode ser filho de qualquer um. Êle não tem que ter um "tipo" especial, como se supunha há alguns anos. Não apresenta traços faciais específicos, ou uma forma determinada de bossas cranianas. Não é um rapaz criado em nenhuma área da cidade em particular ou de qualquer nível econômico ou social estabelecido. Não apresenta uma idade peculiar (após a Segunda Guerra Mundial êles tinham usualmente 18-19 anos; hoje têm em geral 14-15). Não é necessàriamente de nível mental inferior e nem sempre tem aversão à escola. Talvez seja ativo em algum clube de rapazes e pode até freqüentar a igreja assìduamente. Nenhuma organização e nenhuma família é 100% à prova de delinqüência.

### *Quem Deve Ser Culpado Pela Delinqüência Juvenil?*

Isto nos leva ao segundo ponto importante. É claro que, quando as pessoas observam o aparecimento de delinqüentes, elas tendem a julgar quem plasma a personalidade humana da mesma forma com que julgam os construtores. Se o edifício tem uma parede fora de prumo, fundações trincadas ou goteiras, culpa-se o empreiteiro. E como os pais são os empreiteiros de Deus na formação do caráter da criança, a tendência é culpá-los quando o produto é defeituoso.

Mas os funcionários da polícia, tratando de problemas juvenis, logo aprendem a respeitar uma passagem das escrituras que reza: "o julgamento a mim pertence, diz o Senhor." Nenhum de nós pode perceber à distância com que material tiveram de trabalhar os pais, quando procuravam transformar um garôto num bom cidadão. Às vêzes aparecem madeiras defeituosas, pregos sem têmpera e uma quantidade desproporcional de areia no concreto. Tenho visto pais que deram a seus filhos muito mais orientação e afeto que seus colegas recebiam e, no entanto, criaram um marginal.

Isto quer dizer apenas que certos pais têm tarefa muito mais árdua do que as demais pessoas podem supor. Por isso, não se deve julgar.

Entretanto, há outro tipo de pais tão errados que tratam seus filhos como carga inútil, que deve ser descarregada na escola, na igreja ou em alguma entidade social, para que dêles cuidem. Quando se concluir através de estudo do caso, que um garôto está sendo criado neste tipo de lar e por êste tipo de pais, então temos um problema totalmente diverso. A indignação da comunidade é bem justificada e êsses pais devem ser sujeitos a tôda pressão necessária, para que passem a encarar suas responsabilidades fundamentais.

Existe ainda uma situação intermediária, em que os pais estão sinceramente desejosos de agir bem, mas o desencaminhamento de seus filhos deriva de um período temporário de negligência, enquanto o pai está desempregado e a mãe procura ajudar trabalhando fora, ou quando há doença na família ou qualquer outro tipo de vicissitude que ataque a estabilidade normal dos pais. Naturalmente, essa negligência temporária pode advir também de prosperidade demais, ou ainda de encargos profissionais ou sociais tão absorventes que roubem aos pais o tempo e a energia necessários para supervisionar adequadamente um rapaz.

Mas, quer essa negligência temporária seja devida à má sorte ou à boa sorte, se a atitude dos pais fôr bàsicamente boa, uma pequena advertência da polícia bastará para que êles arregacem as mangas no ambiente doméstico e cuidem dos problemas de seus rebentos, sem precisar de qualquer outra ajuda da comunidade.

A grande maioria dos casos que chegam à polícia pertencem a esta categoria. As estatísticas demonstram que, quando os pais procuram cooperar com a lei, 95% dos jovens ajustam-se de forma satisfatória, após sua primeira prisão, e nunca voltam a necessitar de intervenção policial.

### *Quais são as Marcas de um Delinqüente Juvenil?*

O delinqüente é em geral um rapaz que principia com os mesmos problemas que a maioria dos rapazes. Êle não gosta muito do trabalho, acha que sua mesada não dá, quer um carro, quer mais atenção, sente-se desajustado e acha que certas pessoas não gostam dêle; não vai bem em algumas matérias e sonha muito acordado. Conheço um rapaz chamado "Dico" que está enfrentando êsses mesmos problemas, mas acho que êle os vai resolver sem tornar-se delinqüente. Eis aqui as razões: Quando seu chefe na bomba de gasolina repreendeu-o por ser preguiçoso, êle ficou muito zangado, mas desde então vem melhorando. Achava, também, que alguns professôres o perseguiam, porque não tirava boas notas; mas desde que seu pai teve uma conversa de duas horas com êle junto com os professôres, e êle percebeu exatamente o que precisava fazer para ter notas boas, está-se esforçando mais. Quanto a sonhar acordado, êle ainda sonha muito, mas começa a ficar tão ocupado que quase não tem tempo para perder.

Conheço também um outro rapaz a quem chamaremos de "Berto." Berto já perdeu quatro emprêgos de meio período. Quase foi expulso da escola por colar nos exames. Sai voando com o carro por aí para ver quantas infrações de tráfego consegue cometer sem ser autuado. Gosta de irritar as outras pessoas e há algum tempo começou a achar que é "bacana tomar um fogo."

A diferença entre Dico e Berto é que Dico provàvelmente vai triunfar e Berto não. Os dois rapazes têm os mesmos problemas, mas atitudes diferentes. Quando o primeiro dêles foi criticado por ser preguiçoso, não gostou da história, da mesma forma que Berto, mas quis tomar jeito. O outro, ao contrário, pensa: "Se aquêles antipáticos não gostam de mim do jeito que eu sou, azar dêles." Berto começa a orgulhar-se de ser desajustado.

Para Dico é apenas questão de tempo, até que todos se esqueçam de que êle um dia já teve problemas. Para Berto é apenas uma questão de tempo até que êle seja fichado na polícia. Pelo menos êstes são os prognósticos atuais, a menos que algo de radical e revolucionário aconteça para modificá-lo.

Berto está desenvolvendo os traços de um delinqüente:

1. Seus problemas estão-se tornando um *hábito.*
2. Seus problemas são *deliberadamente* criados.
3. Seu desajustamento não é ocasional, mas *crônico.*
4. Sua conduta o está tornando pouco apreciado por quase todos.
5. Seu modo de agir faz com que ninguém confie nêle.
6. Seu procedimento encaminha-se na direção de *crimes mais sérios.*

*Como Combater a Delinqüência?*

Felizmente estamos aprendendo muitas maneiras de auxiliar garotos como Berto. Mas, o que é ainda melhor, estamos aprendendo mais formas de impedir que os rapazes tornem-se como êle. Nos artigos seguintes desta série, analisaremos em detalhes muitos processos recomendados, porém talvez seja bom relacionar aqui mesmo algumas lições básicas que aprendemos.

Em primeiro lugar, os pais precisam conhecer melhor o desenvolvimento *normal* da criança, de forma a distinguir entre atitudes normais de uma criança difícil, em certas idades, e o procedimento que é sinal evidente de "delinqüência juvenil à frente."

Em segundo lugar, deve-se dar mais ênfase à necessidade de bem construir e preservar nossos lares. Todos os recursos e organizações da comunidade precisam concentrar-se em estabilizar o lar, ao invés de substituí-lo. As pesquisas comprovaram agora que mesmo as crianças que crescem em lares deficientes tornam-se, em média, melhores que as que são colocadas em instituições. Por êsse motivo, as crianças não devem ser retiradas permanentemente do lar, exceto, é óbvio, em casos os mais extremos.

Em terceiro lugar, o grande defeito na educação da juventude de hoje está em não aprenderem o respeito à autoridade. Os jovens parecem pensar que ninguém tem o direito de controlá-los — quer seja sua família, a escola, a comunidade ou mesmo o govêrno. Isto resulta de se estabelecer regras de conduta e não conseguir fazê-las vigorar, com amabilidade, se possível, e firmemente, se necessário. A situação complica-se ainda mais porque, conquanto a família seja criticada por deixar seus filhos sem contrôle, a maioria das comunidades faz ainda menos quando toma êsses jovens sob custódia. Muitos delinqüentes tornaram-se criminosos contumazes porque descobriram que a polícia e as instituições de assistência aos menores não os mantinham sob vigilância. Às vêzes, garotos que são presos e soltos muitas vêzes fazem apostas com os policiais, de que nada lhes acontecerá desta vez. Isto deve acabar. Posteriormente, discutiremos as formas de conseguí-lo.

Em quarto lugar, a falta de disciplina na vida de uma criança cria sensação de insegurança. Quando os pais estabelecem regras de conduta razoáveis, e as impõem, as crianças sentem que estão vivendo num "mundo de ordem." Por outro lado, quando lhes são prometidos certos castigos se desobedecerem, e essas promessas não são cumpridas, as crianças passam a achar que seu mundo é instável e está-se desfazendo aos pedaços.

Em quinto lugar, estamos verificando que a conduta criminosa tem suas raízes em experiências e noções indesejáveis que afetam as crianças quando ainda bem pequenas. Portanto, a supervisão cuidadosa de uma boa mãe durante êsses primeiros anos é de capital importância. Naturalmente existem mães que têm de deixar o lar e trabalhar fora, por não terem outra alternativa, mas ainda assim, é bom que conheçam o tremendo perigo que ameaça as crianças colocadas nas mãos de terceiros. Se não fôr absolutamente impossível, as crianças deverão ter a mãe a seu lado nesses primeiros anos.

No próximo capítulo, principiaremos a estudar a criança normal entre um e três anos de idade. Os especialistas denominam êste período vital de "A idade irracional."

# Página Feminina

# CORAÇÃO FECHADO

**Capítulo II**

*Shirley Thulin*

**Resumo**: *Joana Moreira, enfermeira, deixou seu emprêgo no Hospital de Água Verde devido ao desgôsto emocional causado pela morte de um jovem paciente. Consegue colocação como chefe das enfermeiras do Hospital de Pilares e trava conhecimento com o diretor do mesmo, dr. Nilo. Sua companheira de quarto é a jovem enfermeira Corina de Abreu.*

Quando o despertador de Joana tocou, sentou-se na cama tendo na cabeça as palavras que havia escolhido para repreender Corina. Mas as palavras teriam de esperar: Corina não estava no quarto; sua cama estava arrumada, bem estendida e não havia sinal daquela enfermeira cansada da noite anterior.

Joana tentou pôr em ordem os pensamentos. Certamente ela não teria dormido tão silenciosamente. Não havia ouvido um único som, nem se apercebido de qualquer movimento. Como Corina conseguia ser tão silenciosa? Perguntar-lhe-ia na primeira oportunidade, e também perguntaria outras questões que a preocupavam, por exemplo, como conseguia sair tantas vêzes, se o diretor era tão severo?

Quando Joana entrou no refeitório, sentiu o calor da atmosfera. Vozes soavam juntas, incessantes e, embora houvesse apenas algumas enfermeiras e médicos na sala, Joana sabia que era o objeto da discussão. Esperava ser comentada. Era natural que todos falassem sôbre ela, desde que era tão diferente da chefe anterior. Pegou uma bandeja e andou até o balcão para se servir, sem olhar para os lados. Corina chamou-a; sentiu um misto de raiva e alívio. Voltou-se em direção à sua mesa e viu a moça movendo-se para o lado, para dar-lhe lugar à mesa.

"Venha cá; quero apresentar-lhe o dr. Décio," convidou Corina. O convite a incomodou. Quem pensava que era? Que direito tinha?... Mas Joana viu-se sentada à mesa, dizendo a Corina que já conhecia o médico.

"Sim, já fomos apresentados," disse o dr. Décio e, embora estivesse falando com Corina, olhava para Joana.

"Você é madrugadora," Joana disse a Corina, ignorando sua resposta e evitando olhar para êle.

"Sim, ... levanto-me com as galinhas."

"Não ouvi seu despertador."

"Corina não precisa de despertador... Possui um dispositivo automático que lhe diz que precisa estar aqui às cinco, se quiser tomar o café da manhã comigo."

Corina corou, mas o dr. Décio fingiu não notar. Juntou seu prato e talheres e levantou-se. "Estarei na sala de arquivos dentro de meia hora, srta. Joana; tenho algumas fichas que gostaria de examinar consigo, se possível." Olhou diretamente nos olhos dela, provocando-a. Depois levantou-se e saiu.

"Oh, êsse homem," os lábios de Corina estavam sorrindo, mas seus olhos não. "Êle me deixa tão zangada! Às vêzes é tão sério e sincero e de repente..."

"Você gosta dêle?"

"Mais do que devia, creio eu. Aliás, tôdas as enfermeiras do hospital gostam dêle."

"Você já saiu alguma vez com êle?"

"Você está brincando? Êle não sai com ninguém. É tão prêso ao hospital! Raramente sai daqui."

"Corina, a respeito de ontem à noite..."

"Oh, minha nossa... Ofélia vai sair em cinco minutos... Leve minha bandeja, sim? Obrigada." E saiu...

Joana estava zangada, mas ao mesmo tempo, alegre. Essa garôta vai ser grande ajuda, pensou. Estava quase terminando sua torrada, quando viu Davi caminhando em sua direção, com uma bandeja. Parou, mas depois passou por ela, em direção à outra mesa. Por um momento, Joana quase o convidou para sentar-se com ela, mas não o fêz. Apenas respondeu à sua saudação e depois, mesmo sem terminar, levantou-se e saiu.

Joana gostava das manhãs no hospital. Tudo parecia ter nôvo comêço, mesmo a própria vida, pois o sofrimento que sentira na noite anterior diminuiu com a chegada do nôvo dia; ao ir de quarto em quarto, sentiu algo nôvo em sua vida.

Apresentou-se a cada paciente, tentando lembrar mentalmente suas fichas, que havia estudado cuidadosamente. Sabia que devia conhecer cada pessoa, pois acreditava que cada doente estava aos cuidados do diagnóstico médico, dos remédios e do tratamento a êle dispensado. Além disso, como poderia não se manter envolvida, se sabia tanto a respeito de cada um? Não tinha resposta para isso.

Joana havia evitado, propositadamente, entrar no quarto 212. Quando não pôde mais adiar, entrou e dirigiu-se à janela. Ia abrir a persiana, mas uma voz jovem a fêz parar seu movimento.

"Deixe-a fechada."

"Por que, Marcelo? Deixar o quarto escuro ajuda alguma coisa?"

"E deixá-lo claro ajuda de alguma forma?" A voz de Marcelo era profunda, cheia do desencorajamento e da falta de esperança a que Joana estava acostumada. Puxou o cordão, deixando o sol da manhã invadir o quarto. Quando Marcelo virou o rosto para a parede, Joana dirigiu-se a êle.

"Marcelo, sou Joana Moreira, a nova chefe das enfermeiras. Vire para cá, para nos conhecermos. Vamos, deixe-me olhar para você."

"Vá embora. Já tem muita gente olhando para mim."

"Bem, se você vai sarar, precisa..."

"Sarar... muito engraçado."

"Você pode sarar, Marcelo!" Quantas vêzes ouvira-se a si mesmo dizendo essas palavras? Quantas vêzes, mesmo sabendo que o paciente nunca mais andaria ou enxergaria... "Você talvez não fique como antes, mas poderá sarar."

"Ora, porque você não vai tomar o pulso de alguém e me deixa sòzinho?"

"Irei, caro jovem, mas não antes de dizer algumas coisas. Você pensa que está muito mal. Bem, tenho visto casos piores... Conheci jovens que não apenas não podiam falar, como não podiam ao menos mover o queixo. Você tem seus braços; tem seus olhos e deveria, desde já, começar a contar suas bênçãos."

"Bênçãos!" Marcelo voltou-se para a parede e Joana saiu, os soluços dêle fazendo-a relembrar...

Era quase meio-dia quando entrou na sala de arquivo e sentou-se para examinar as fichas novamente.

"Puxa, quase desistí de esperá-la." A voz do dr. Décio sobressaltou-a.

"Vim assim que pude," respondeu-lhe.

"Se eu dissesse às outras enfermeiras que as queria ver dentro de meia hora, estariam aqui em dez minutos."

Joana olhou-o. Seus olhos a perturbavam, mas afirmou a si mesma que não deixaria que êle percebesse o quanto lhe agradavam. Manteve sua voz normal e bastante impessoal: "Não sou como as outras enfermeiras."

"Mas é mulher... e bastante bonita."

"Quais são as fichas que tanto o preocupam?"

"Ah, vejo que está brincando de fazer-se difícil. Bem, será diferente."

"Dr. Décio, estou ocupada demais para brincar. Agora, sôbre aquelas fichas..."

O rapaz estudou-a por um momento e depois dirigiu-se ao arquivo. Correu as fichas com os dedos. "O paciente do quarto 103 já sabe da gravidade de sua situação. Precisará de bastante cuidados, especialmente depois das horas de visitas. E o jovem do quarto 212, quero que converse com êle, para ver se consegue alguma coisa."

"Acabo de vir de lá. Êle sente pena de si mesmo. Disse-lhe que parasse de agir como criança e começasse a pensar nas coisas que pode fazer."

"Você lhe disse o quê?"

"Até agora, êle só pensou nas coisas que não pode fazer, não é? Como por exemplo, não dançar ou esquiar..."

"Srta. Joana, Marcelo não é dessa espécie de rapaz. Não está se preocupando por não poder dançar. Êle se preocupa com sua mãe e seus irmãos, com a fazenda e tudo o mais, porque trabalhou desde a morte do pai..."

Olhou para Joana e dessa vez não havia nenhum traço de gracejo em seus olhos. Ao contrário, estavam duros e penetrantes.

"Srta. Joana, já ouvi falar de enfermeiras como a senhorita! Duras... sem coração... Espero que não tenha desfeito o que levamos semanas para conseguir." Deixou-a, em seguida, com passos firmes, sem olhar para traz.

Joana sentou-se por um instante, sentindo-se paralisada. Continuou ouvindo as palavras... dura... sem coração... Bem, não era isso que queria que pensassem dela? Não era essa sua armadura?

Terminou o exame das fichas e, quando saiu da sala, viu Corina descer correndo as escadas. Agora seria uma ótima oportunidade para falar-lhe sôbre certas coisas, desde que já terminara suas tarefas. Quando estava a poucos passos dela, ouviu alguém chamá-la. Era o Dr. Nilo.

"Dna. Joana, quero falar consigo."

"Oh, Dr. Nilo, também preciso falar com o senhor."

"Entremos em meu escritório, então."

Joana sentiu uma estranha sensação. Como era agradável caminhar ao lado dêle! Sentiu-se contente, ao ver a expressão de surprêsa no rosto das enfermeiras. Era realmente surprêsa, o que via em seus olhares? Ou seria inveja? Talvez fôsse um pouco de ambas.

"Sente-se, dna. Joana." O dr. Nilo andou até sua escrivaninha e Joana tentava ver seu rosto. Sua voz parecia severa, mas sentiu que, se pudesse ver seus olhos, poderia ter certeza. "Soube que conversou com o jovem Marcelo Carvalho."

"Sim, doutor. Conversei."

"A srta. não se importaria de dizer-me o que lhe falou?"

"Ora, disse-lhe que... bem, que parasse de pensar nas coisas que não pode fazer e tentar sarar."

"A srta. sabe, é claro, que todos nós nos preocupamos muito com êsse rapaz."

"Sim, dr. Sei disso. E creio que todos o tem mimado demais. Creio que êle precisa de uma sacudidela... algo que o faça pensar."

"Creio que êsse método possa dar resultado em muitos casos, mas o

dr. Décio é o médico do menino e acha que êle é do tipo que precisa..."

"Que precisa ser tratado como criança? Bem, êle está errado, dr. Nilo. Muito errado." Joana levantou-se da cadeira.

"Srta. Joana, êle pode ou não estar errado, mas é apesar de tudo, o médico."

Joana sentiu sua face afogueada. Sabia que estava sendo um tanto atirada. Sempre lhe haviam ensinado a respeitar a posição de um superior, mas no pequeno hospital onde trabalhara, os médicos haviam sido colegas seus e era sempre tratada como tal. "Sim, dr." e voltou-se para sair, mas o médico a deteve.

"Espere... O que é que desejava falar comigo?"

Joana olhou-o nos olhos, mas êstes não lhe disseram nada. Eram cinza claro, como sempre que sorria para ela. Mas, desta vez, não estavam sorrindo.

"Queria falar-lhe sôbre Corina. Ela..."

"Oh sim, Corina. Ela é minha sobrinha, você sabe. Ela está lhe dando trabalho?"

"Bem, nem tanto. Ela..."

"Srta. Joana, Corina é uma ótima enfermeira. Na verdade, tem sido um raio de sol aqui no hospital. Ela é como a filha que nunca tive... a família que nunca possuí... sua mãe e os filhos. Gosto muito de Corina."

"Compreendo."

"Desde que ela cumpra com suas obrigações como deve uma boa enfermeira, não vejo razão para discutirmos a respeito de coisas pequenas..."

Joana estava quase a interrompê-lo, mas a voz no telefone interno o fêz. Era o dr. Décio e parecia preocupado. "Dr. Nilo, o dr. Lacerda já saiu?"

"Não, está no 3B, creio."

"Por favor, pode encontrá-lo e pedir-lhe que venha ao 212? Marcelo está mal."

O primeiro impulso de Joana foi ir ao quarto de Marcelo, mas pensou melhor. Deixou o escritório do dr. Nilo um pouco deprimida. Ficou pensando no que poderia o dr. Décio ter dito ao dr. Nilo a seu respeito. Fôsse o que fôsse, êle havia sido bem claro a respeito de seus métodos de lidar com o pequeno Marcelo. Se ao menos a ouvisse...

O resto da tarde foi atarefado. À hora do jantar, lembrou-se, sùbitamente, que não havia almoçado. Foi ao refeitório e apanhou uma bandeja. Viu Corina sentada, sòzinha, perto de uma janela. Sorriu. O dr. Décio não é o único que gosta de Corina, pensou. Eu também.

"Olá, comendo sòzinha?"

"Agora não estou mais; guardei um lugar para você. Parece cansada. Teve um dia duro?"

"Mais ou menos. Corina, fale-me sôbre Marcelo."

"Marcelo? É um rapaz excelente. Mora perto de nossa fazenda. Caiu de uma cêrca..."

"Isso eu já sei. Quero dizer, o que você acha do modo dêle estar se conduzindo agora."

"Êle é muito sensível, Joana. E sei que não deveria dizer isso... mas você não deveria ter falado com êle daquela maneira."

Joana sentiu um apêrto na garganta. Então, todos sabiam. Os grandes hospitais, afinal de contas, eram como os pequenos. Disse à moça: "Corina, acho que estava certa. Vocês todos o tem mimado muito."

"Sabemos que a tendência moderna é ... mas Marcelo é diferente. Êle não sente pena de si mesmo; não é como você pensa."

"Sei que posso cuidar bem dêle."

Corina olhou para Joana. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Joana, se o que fêz hoje é um exemplo de seu modo de cuidar de alguém como Marcelo, talvez seja melhor não fazê-lo." Levantou-se e correu para a porta.

Joana não precisou olhar à volta para saber que tôdas as enfermeiras estavam cientes do que acontecera. Havia um ressentimento contra ela, forte e real e, embora soubesse que ninguém ouvira o que Corina lhe dissera, sabia que não precisavam. Joana apanhou o garfo e começou a comer com deliberada calma e os que ali estavam não podiam saber do tumulto que tinha dentro de si. / *Continua*

•

O dever nos incita a fazer as coisas direito, mas o amor nos incita a fazê-las perfeitas.

(continuação da pág. 27)

instante, meditei sôbre a afirmação de Alma, feita no Livro de Mórmon: "Não penses que serás restaurado do pecado para a felicidade, em vista do que foi explicado acêrca da restauração. Eis que te digo que a iniqüidade nunca foi felicidade." (Alma 41:10).

Tenho refletido sôbre as palavras de Cecil B. De Mille quando da abertura da película "Os Dez Mandamentos," que a maioria de vocês assistiu.

Logo no início do filme, êle disse mais ou menos as seguintes palavras: "A história da humanidade nos ensina que não podemos quebrar as leis de Deus, pois na realidade estamos nos quebrando contra elas."

Pensei naquela moça atrás das grades — ela não quebrara as leis de Deus absolutamente, pois quebrara-se contra elas e assim é com todos que tentam violar as leis que o Senhor nos tem dado para nossa própria felicidade. Foram feitas para o nosso bem e quando as violamos, sofremos espiritual, física e emocionalmente. Lembrai, mocidade, não é tão difícil viver os mandamentos, da mesma forma que deixar de vivê-los. A carga de guardar os mandamentos do Senhor é leve comparada à carga do pecado que carregamos quando violamos os mandamentos de Deus.

O Salvador disse:

"Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas.

"Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mateus 11:28-30) Possam vocês, jovens desta Igreja, lembrar-se de meu avô quando nos impressionou a nós, diáconos, naquele dia, que há maior autoridade no Sacerdócio de Deus do que na mão de qualquer monarca vivente.

Enquanto acharem que o maior desafio da vida é ser verdadeiro aos elevados padrões que conhecem — como o fêz meu amigo que se arrependeu de jurar, amaldiçoando seu cavalo — acharão mais fácil, prometo-lhes, guardar os mandamentos de Deus, do que não guardá-los. Não precisarão carregar a pesada carga do pecado se carregarem o seu fardo, pois o Senhor disse:

"Vinde a mim... e achareis descanso para as vossas almas.

"Porque meu jugo é suave e o meu fardo leve." (Idem.)

↓ Lloyd R. Hickin, desde fins de julho, é o nôvo presidente da Missão Brasileira. É natural de Taylorsville, Alberta, Canadá; nasceu a 1º de abril de 1918, filho de Ruland Hickin e Laila Nitel. Ao lado, estampamos a foto de sua espôsa, Alice. O casal tem quatro filhos, três rapazes e uma garotinha. O Presidente Hickin fêz missão no Brasil de 1939 a 1942, tendo pregado em Curitiba, São Paulo e Joinvile.

↓ No dia 19 de junho último, inaugurou-se a capela de São Vicente. No domingo seguinte, foi a vez da capela de Santos. Várias autoridades da Igreja no Brasil estavam presentes à cerimônia. Outro fato importante a ser citado é a dedicação das capelas de Tijuca e Brasília, levada a efeito nos dias 3 e 10 de julho passado, respectivamente.

# NOTÍCIAS

← Um quadro a óleo, pintado há aproximadamente 125 anos, é o único que mostra a figura de Wilford Woodruff, quarto presidente da Igreja, com a idade de 33 anos. Quando o neto do Pres. Woodruff, Sharp Woodruff Daynes, recebeu de sua mãe alguns pertences da família, inclusive o retrato, esta disse que o mesmo "pertencera a meu pai quando jovem."

A pintura estava tão escurecida pelo tempo, que quase não se podia reconhecer a pessoa. A espôsa do sr. Daynes averiguou a possibilidade de restaurar o quadro, mas as pessoas consultadas mostraram-se duvidosas do resultado, até que êste foi levado a um especialista no assunto.

Tomou-se o máximo cuidado na conservação das côres originais, principalmente no rosto, que quase não foi tocado.

A pista para o achado foi fornecida por uma carta do Pres. Woodruff à espôsa, escrita em 1841. Quando êste pregava o evangelho na Inglaterra, um artista italiano de nome Fillippe Pastricci, cuja família investigava a Igreja, pintou-lhe o retrato.

*Rui M. Bronze*

Jóias do Pensamento

## DEMAIS

*Richard L. Evans*

Epicteto deixou algumas palavras sôbre um assunto que gostaríamos de considerar por um momento: "Veja uma criança enfiando a mão numa jarra de gargalo estreito, na tentativa de pegar algumas castanhas que estão dentro; se encher a mão, não poderá retirá-la e cairá em lágrimas. Que deixe algumas cairem e as outras sairão!"[1]

Seguindo o seu pensamento, vemos que às vêzes nós nos sobrecarregamos demais. Freqüentemente complicamos a nossa vida com muitas coisas que não são muito significativas e que vamos acumulando pelo simples fato de querermos mais. Possuir algo com um objetivo pode ser bom e isso enriquece a vida. Mas, às vêzes, parecemos complicar demais tôdas as coisas, até mesmo os nossos divertimentos e horas de lazer. Com freqüência dedicamo-nos tanto aos nossos divertimentos e adquirimos tanto equipamento, a ponto de ficarmos incomodados e sobrecarregados com o pêso de coisas simples, as quais necessitam de atenção, esfôrço, energia. Bem que poderíamos aprender uma lição dos viajantes experimentados. "Viaje despreocupadamente." "Liberte-se das suas coisas."[2] disse um observador. De certo modo há "um tempo para cada coisa,"[3] e nossas perspectivas mudam. Às vêzes atravessamos períodos em que as coisas materiais têm real importância, em que as posições e honras significam demais. Então a maturidade aumenta, enquanto os nossos dias diminuem e começamos a observar o que fazemos com cada hora, com cada prazer e ocupação. Começamos a observar os obstáculos — coisas que geram confusão e barulho, coisas que tomam o nosso tempo e assim ficamos cientes de que tôda possessão toma tempo quando se quer cuidá-la ou mantê-la.

Há muitas espécies de escravidão e tornar-se escravo das coisas é uma delas. Quando queremos demais, quando adquirimos demais, quando comemos demais, quando sobrecarregamos nossa vida, bem deveríamos lembrar das palavras de Epicteto: que não poderemos tirar a mão de uma jarra de gargalo estreito, se estivermos com ela cheia demais, isto é, nos apegarmos às coisas quase insignificantes, simplesmente pelo fato de querermos demais.

1. Epicteto, Discursos, Vol. II, cap. 9.
2. Celia C. Colle, "Bells Like Prayers," Delineator, janeiro 1936.
3. Eclesiastes 3.

# As Leis de Deus Versus A Carga do Pecado

*Presidente A. Theodore Tuttle*
Do 1.º Conselho dos Setentas —

Gostaria me dirigir aos jovens da Igreja para relatar-lhes diversas experiências que deixaram profunda impressão em minha vida.

Uma delas ocorreu há aproximadamente trinta e cinco anos atrás em Manti, numa reunião de testemunhos, quando eu tinha 12 anos de idade. Muitos de nós, rapazes, íamos ser ordenados diáconos. Fomos chamados à frente da congregação, onde permanecemos durante o tempo em que nossos nomes estavam sendo apresentados. Depois dos votos de apôio, fomos convidados a nos sentar no púlpito. Enquanto a reunião de testemunhos prosseguia, lembro-me que meu avô prestou o seu testemunho. Como era seu costume, dirigiu-se à frente da congregação e falou. Lembro-me apenas de uma parte de seu testemunho, mas que causou indelével impressão em minha memória.

Quando voltou-se aos jovens, apontou com o dedo para nós e disse:

"Jovens, quero que se lembrem de que, como portadores do Sacerdócio Aarônico, terão em seus dedos mínimos maior poder do que o rei da Inglaterra, porque aquêles que os ordenaram, o fizeram com autoridade vinda diretamente de Deus."

Naquela época, não percebi a magnitude do que êle afirmava, mas através dos anos refleti muitas vêzes sôbre o assunto. Cheguei a compreender que em virtude do sacerdócio de que somos portadores, temos realmente mais poder para salvar a nós mesmos e conseqüentemente aos outros, do que qualquer governante da terra, pois que o poder para mover a si próprio ou aos outros até a exaltação vem sòmente de Deus — de quem êste sacerdócio provém. A obrigação dos jovens é honrar o sacerdócio e manter os altos padrões da Igreja. Nossos amigos podem nos ajudar a fazer isso e nós podemos auxiliar nossos amigos. Um de meus amigos relatou-me suas experiências, dizendo:

"Quando era ainda adolescente, um amigo e eu costumávamos ouvir muitos meninos jurando e tomando o nome do Senhor em vão. Isso nos magoava. Nossos pais nos tinham ensinado a não jurar. Sabíamos que não deveríamos tomar o nome do Senhor em vão.

"Certo dia, enquanto conversávamos a respeito disso, meu amigo e eu prometemos um ao outro — fizemos um convênio — que nunca tomaríamos o nome do Senhor em vão. Durante os anos que se sucederam, cada um de nós manteve a promessa que fizera.

"Alguns anos mais tarde," disse êle, "mudei-me de nossa cidade para uma fazenda no vale. Foi alí que tive que enfrentar as dificuldades.

"Estávamos num quente dia de verão, transportando feno e tivemos um descanso para almoçar. Depois de soltar os cavalos, meu pai enviou-me ao poço com uma jarra, para apanhar água frêsca. Montei um dos nossos melhores cavalos e descí até o poço. Depois de encher a jarra passei os dedos pelo cabo, coloquei a jarra sôbre o dorso do animal e tentei montá-lo. Mas antes que eu pudesse completar o que iniciara, êle disparou em trote à grade da mangedoura, sacudindo-me de suas ancas. Alí estava eu, meio inclinado, balanceando no quadril ossudo do cavalo. Meus dedos estavam tão torcidos que quase se quebraram ao pêso da jarra d'água. Tentei controlar as rédeas do animal com a outra mão, porém em vão."

Meu amigo continuou então: "Tudo ia tão mal que fiquei furioso e pronunciei uma imprecação contra o cavalo e tomei o nome do Senhor em vão. No momento exato que fiz isso, compreendi que havia ofendido o Senhor e falhara em ser honesto aos padrões que conhecia. Quando finalmente consegui pular fora do cavalo, ajoelhei imediatamente — ali no restôlho do campo — e pedi perdão ao Senhor.

"Prometi novamente, desta vez com fervor, que nunca mais quebraria a promessa que meu amigo e eu tínhamos feito certo tempo atrás, de não jurar em vão."

E êle acrescentou, "Nunca mais tornei a fazê-lo."

Como jovens, muitas vêzes achamos difícil viver os padrões da Igreja, por serem tão elevados. É verdade que nenhuma outra igreja da terra tem padrões mais elevados do que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — e vocês esperam que seja assim, não é mesmo? Teria a verdadeira Igreja de Cristo padrões mais baixos do que as igrejas dos homens? Pelo fato de os nossos padrões serem tão elevados — tão diferentes dos padrões do mundo, sentimos que é difícil, se não impossível, vivê-los. Entretanto, não é tão difícil viver os padrões como deixar de vivê-los.

Fiquei impressionado há alguns anos atrás, quando entrevistei uma mocinha de 17 ou 18 anos. Disse-me ela: "Violei todos os 10 Mandamentos, exceto o sexto, e outras leis, além dêles."

Durante o decurso desta entrevista, que incidentalmente, foi realizada atrás das grades, ela confessou-se envergonhada de alguns dos pecados que cometera. Quase no término da entrevista ela arregaçou a manga de sua malha e apontou para as cicatrizes dos furos deixadas por uma agulha hipodérmica.

"Não são picadas de mosquito," afirmou patèticamente. Perguntei-lhe se encontrara felicidade no tipo de vida que vivera. Enquanto meneava a cabeça negativamente, lágrimas inundaram-lhe os olhos. Ela enterrou a cabeça entre os braços e os soluços faziam seu corpo todo tremer. Enquanto eu a observava sofrer, sem possibilidade de ser consolada naquele

(continua na pág. 24)

# COMO CAÍSTE...

Na primavera de 1820, o Profeta Joseph Smith, então um jovem de apenas quatorze anos de idade, dirigiu-se ao velho bosque, hoje conhecido como o Bosque Sagrado, para orar ao Senhor. Sua decisão de orar veio através do conselho de Tiago, que declara: "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus..." (Tiago 1:5)

Assim que entrou no bosque, foi para o lugar que escolhera prèviamente. Certificando-se de que estava só, ajoelhou-se e começou orar ao Pai Celestial.

"Apenas fizera isto, quando fui sùbitamente subjugado por uma fôrça que me dominou inteiramente, e seu poder sôbre mim era tão assombroso que me travou a língua de modo que não pude falar. Intensa escuridão envolveu-me, e pareceu-me, por algum tempo, que estivesse destinado a uma destruição repentina.

"Mas, empregando tôdas as minhas fôrças para pedir a Deus para livrar-me do poder dêsse inimigo que me tinha subjugado, e no momento exato em que estava prestes a cair em desespêro, abandonando-me à destruição — não a uma ruína imaginária, mas ao poder de algum ser real do mundo invisível que tinha tão assombroso poder, como jamais havia sentido em nenhum ser — justamente nesse momento de grande alarme, vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia até cair sôbre mim.

"Logo após êsse aparecimento, senti-me livre do inimigo que me havia sujeitado." (Joseph Smith 2:15-17)

Eis o que um jovem, conhecido por sua coragem, sentiu quando testemunhou o poder do mal: "Estava prestes a cair em desespêro, abandonando-me à destruição." Observou que jamais sentira tão "assombroso poder," em nenhum ser como sentiu quando Satanás tentou subjugá-lo e quando sentiu a grande manifestação dos céus.

Não sòmente sentia a presença do mal sôbre si mas, como disse: "tal poder sôbre mim era tão assombroso que me travou a língua de modo que não pude falar." E fortemente testificou que não era algo imaginário mas o "poder de algum ser real do mundo invisível."

Quem era êsse ser que tinha tanto poder sôbre tôdas as capacidades de Joseph Smith? Como apareceu êsse ser de quem o profeta fala? Qual é sua função e como trabalha êle aqui na terra?

Abraão conta que o Senhor lhe permitiu ver os espíritos, filhos do Pai Celestial, como eram organizados no conselho dos céus antes da fundação da terra. Deus disse àqueles espíritos na grande assembléia "... E aquêles que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; e aquêles que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aquêles que guardarem seu primeiro estado; e aquêles que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sôbre suas cabeças para todo o sempre." (Abraão 3:26)

Houve muitas assembléias naquele grande conselho e Lúcifer estava entre êles. Estavam sendo instruídos sôbre o destino dos espíritos, filhos de Deus. O Senhor disse: "Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos dêstes materiais e faremos uma terra onde êstes possam morar." (Abraão 3:24)

O propósito de providenciar uma terra e o princípio do progresso eterno nos foi ensinado lá. Com o desenvolvimento do plano, nosso Pai disse que alguém precisava ser escolhido para tornar-se o Salvador de seus filhos.

"E o Senhor disse: A quem enviarei? E um respondeu semelhante ao Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me. E outro respondeu e disse: Eis-me aqui, envia-me. E o Senhor disse: Enviarei ao primeiro.

"E o segundo se irritou e não conservou seu primeiro estado; e naquele dia, muitos o seguiram." (Abraão 3:27-28)

Na revelação dada a Moisés, é-nos mostrado o porquê de um plano ser aceito e outro rejeitado.

"E Eu, o Senhor Deus, falei a Moisés, dizendo: Aquêle Satanás a quem tu mandaste em nome de meu Unigênito, é o mesmo que existiu desde o princípio; e êle veio perante mim, dizendo: Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei a humanidade tôda, de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida o farei; portanto dá-me a tua honra.

"Mas eis que, meu Filho Amado que foi Meu Amado e Meu Escolhido desde o princípio, disse-me: Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre.

Portanto, por causa de Satanás ter-se rebelado contra mim e ter-se procurado destruir o livre arbítrio do homem, que Eu, o Senhor Deus, lhe tinha dado, e também por querer que Eu lhe desse o meu próprio poder, fiz com que êle fôsse expulso pelo poder do meu Unigênito.

"E êle se tornou Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de tôdas as mentiras, para enganar e cegar os homens e levá-los cativos à sua vontade, a todos quantos não ouvirem minha voz." (Moisés 1:1-4)

Houve três razões para a rejeição do plano de Satanás, o filho da manhã. Primeiramente, rebelou-se contra Deus. Segundo, tentou destruir o livre arbítrio do homem,

# Ó LÚCIFER?

escola dominical

*Alma P. Burton*

um dom de Deus. Terceiro, êle pretendeu obter o poder de Deus, pedindo a glória para si. Por isso, foi expulso da presença de Deus.

A queda de Lúcifer e a condição daqueles que o seguiram foi um assunto de grande preocupação para os filhos de Deus. Êsse fato é verificado em ambos os escritos de Isaías e em revelações dadas a Joseph Smith e Sidney Rigdon.

Pelas considerações de Isaías e de Moisés, é evidente que a razão de sua queda foi a rebelia contra Deus e a pretensão da própria glorificação.

A queda de Lúcifer da presença de Deus foi um fato de séria conseqüência, como vemos nas palavras do grande profeta Isaías, que diz:

"Como caíste do céu, ó estrêla da manhã, filha da alva! como fôste lançada por terra, tu que debilitavas as nações!

"E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrêlas de Deus, exaltarei o meu trono, e na mente da congregação me assentarei, da banda dos lados do norte.

"Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo." (Isaías 14:12-14)

Semelhantemente, o Profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon registraram o seguinte, do que foi revelado na visão hoje conhecida como "Visão das Glórias."

"E isto vimos também, e testificamos, que da presença de Deus e do Filho, foi expulso um anjo de Deus, que possuia autoridade perante Deus, e que se rebelou contra o Filho Unigênito, a quem o Pai amava e que estava no seio do Pai.

"E se chamou Perdição, pois os céus prantearam por êle — era Lúcifer, o filho da manhã.

"E contemplamos, e eis que êle caiu! Caiu o filho da manhã!" (D&C 76:25-27)

A proposta oferecida pelo diabo e a espontaneidade do Salvador em fazer a vontade de nosso Pai Celestial foi demonstrada a todos os espíritos, filhos de Deus. Cada espírito teve a responsabilidade de fazer a escôlha de quem iria seguir. Êles fizeram suas decisões e tomaram seus lados e batalharam contra os do lado contrário. João, o Amado relata:

"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalharam contra o dragão, e batalharam o dragão e os seus anjos;

"Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus.

E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamado o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; êle foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com êle." (Apocalipse 12:7-9)

Quando Lúcifer caiu dos céus, levou consigo muitos espíritos. João ainda menciona:

"E a sua cauda levou após si a têrça parte das estrêlas do céu, e lançou-as sôbre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando à luz, lhe tragasse o filho." (Apocalipse 12:4)

Satanás e aquêles que o seguiram eram filhos espirituais de nosso Pai Celestial tanto quanto nós, antes que tivéssemos o privilégio de possuir corpos mortais.

Eram indivíduos que tinham a bênção de possuirem o livre arbítrio. Eram parte da grande família de Deus, que usavam seu livre arbítrio e que poderiam ter o mesmo privilégio que os outros espíritos, mas por causa de sua escôlha, foi-lhes negado o direito de ganhar um corpo.

Podemos ficar confusos quando reconhecemos que aquêle que era tão importante, que tinha autoridade perante Deus, aquêle que poderia liderar tantos espíritos, pôde escolher uma situação tão repleta de desapontamentos, de tormentos e condenação eterna. Como poderia alguém que estêve na presença de Deus fazer uma escôlha tão contrária ao que era bom?

A existência do diabo não é ficção da imaginação; nem é mera suposição que existam legiões de espíritos maus, dirigidos pelo diabo e que, sob sua influência, fazem um trabalho destrutivo na terra.

As seguintes narrações, de testemunhas fidedignas, atestam o horror que causa a presença de espíritos maus, a realidade da sua existência e o fato de que continuam sua rebeldia contra Deus e contra os que o seguiram, do mesmo modo que fizeram quando expulsos de sua presença.

No dia 4 de junho de 1837, domingo, o Profeta Joseph Smith disse a Heber C. Kimball que o Senhor o havia inspirado, "Deixe meu servo, Heber, ir à Inglaterra para proclamar meu evangelho e abrir as portas da salvação àquela nação."

Orson Hyde foi enviado como companheiro do irmão Kimball; chegaram a Liverpool, Inglaterra, no dia 20 de julho. Outros também os acompanharam nessa missão. Dez dias depois de sua chegada, tiveram uma notável experiência. Em certas ocasiões, saiam para pregar publicamente e, numa manhã de domingo, 30 de julho, Élder Isaac Russell, que fôra designado para pregar naquele dia na praça Preston Market, foi atormentado por espíritos

maus. Saiu de seu quarto e foi ao quarto onde estavam os Élderes Kimball e Hyde e "os chamou para orar por êle, para que pudesse ser libertado dos maus espíritos que o atormentavam tanto que êle quase não podia resistir, a menos que recebesse ajuda. Imediatamente os élderes se levantaram, impuseram as mãos sôbre sua cabeça e oraram, pedindo ao Senhor que tivesse misericórdia de seus servos e que expulsasse o demônio."

O Élder Kimball relatou o que lhe aconteceu naquele dia:

"Enquanto estávamos ali orando, fui atacado por uma grande fôrça, por algum poder invisível e caí inconsciente no chão. A única coisa que lembrei foi ter sido carregado pelos Élderes Hyde e Richards, que estavam orando por mim; o Élder Richards seguira Russell até o meu quarto; ajudaram-me a deitar, mas minha agonia era tanta que não podia suportá-la; levantei-me, ajoelhei-me e orei. Mais tarde, sentei-me na cama, quando vi abrir-se uma visão; podíamos ver distintamente os espíritos do demônio que rangiam os dentes e espumavam. Nós os contemplámos durante uma hora e meia (pelo relógio de Willard), mas não os víamos através da janela, mas sim através da parede. Surgiu um clarão diante de nós e vimos os espíritos, em legiões, com seus líderes, a poucos metros de nós. Pareciam exércitos impetuosos em batalha. Pareciam homens de grande estatura, com feições humanas iradas e violentas; nunca esquecerei a vingança e a maldade que estavam retratados em seus semblantes, quando me olharam diretamente nos olhos. Seria inútil tentar retratar aquela cena, ou descrever a malícia e o ódio. Transpirei tanto e minhas roupas ficaram tão molhadas que pareciam que eu havia saído de um rio. Senti imensa dor e durante muito tempo meu sofrimento foi profundo. Não podia sequer olhar para trás e ver aquela cena sem sentir horror. Mesmo assim, foi por essa experiência que aprendi quão grande é o poder do adversário e quão grande é seu ódio contra os servos de Deus e também tive compreensão do mundo invisível. Ouvimos distintamente aquêles espíritos conversando e expressando sua cólera contra nós. Contudo, o Senhor nos libertou e nos abençoou abundantemente naquele dia."

A descrição do Élder Hyde, sôbre o mesmo acontecimento, foi a seguinte:

"Cada circunstância daquela cena de demônios está tão viva em minha mente, neste momento, como quando aconteceu e sei que permanecerá para sempre em minha memória. Depois que você (o Élder C. Kimball) foi subjugado por êles e caiu, os maus espíritos atacaram-me com ameaças, maldições e sorrisos diabólicos, convenceram-me completamente que não eram amigos meus. Enquanto você estava aparentemente sem sentidos e quase sem vida, no chão e depois na cama, permaneci em pé, entre você e os demônios. Lutei contra êles, face a face, até que começaram a diminuir de número e a se retirarem do aposento. O último diabrete, que se voltou para mim, quando saía da sala, disse, como que se desculpando, na tentativa, talvez, de que eu abandonasse minha oposição contra êles: "Eu nunca disse nada contra você."

Respondi-lhe: "Não me importa se o disse ou não; você foi mentiroso desde o princípio. E em nome de Jesus Cristo, afaste-se!" Imediatamente êle partiu e a sala ficou clara novamente. Acabou assim aquela cena de demônios."

Anos mais tarde, contando essa experiência ao Profeta Joseph Smith, o Élder Heber perguntou-lhe o significado daquilo tudo e porque tiveram aquela manifestação, se nada estava errado com êle.

"Não, irmão Heber," replicou o Profeta. "Naquela época vocês estavam perto do Senhor; havia apenas um véu entre vocês e Êle, mas vocês não O podiam ver. Quando ouvi falar sôbre aquêle acontecimento, senti alegria, pois sabia que o trabalho do Senhor estava criando raízes naquela terra. Foi isso que provocou o diabo a lutar para matá-los."

"Joseph relatou, então, algumas de suas experiências nas várias lutas que tivera contra o diabo. Disse: "Quanto mais uma pessoa se aproxima do Senhor, mais poder será manifestado pelo adversário, para impedir a realização de Seus propósitos." (Vida de Heber C. Kimball)

Não é possível menosprezar-se o relato de pessoas que tiveram tantas experiências, como o Élder Heber C. Kimball e Orson Hyde. Nem alguém que tenha tido uma experiência similar poderá ser levado a pensar que pode sobrepujar fàcilmente a existência real do Demônio e sua natureza, bem como daqueles que o seguiram.

O Élder Heber C. Kimball relatou: "Não podia sequer olhar para trás e ver aquela cena sem sentir horror." / *Continua*

**para setembro**

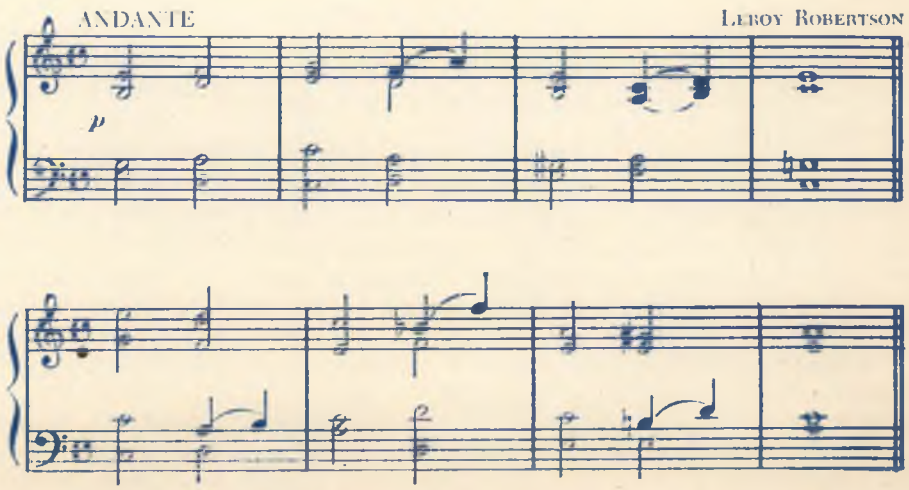
**JÓIA SACRAMENTAL**

**Escola Dominical Sênior**
3 Nefi 11:33.
**Escola Dominical Júnior**
Mateus 5:8.

**RECITAÇÃO EM CONJUNTO**
Curso 5: II Samuel 22:2-3.
Curso 3: 1 Nefi 6:4.

**HINOS DE ENSAIO**

**Escola Dominical Sênior**
"Cantando Louvamos," n.º 224.
**Escola Dominical Júnior**
"As gotinhas de chuva," n.º 93.



# PROGRAMA NOITE FAMILIAR

## LIÇÕES PARA SETEMBRO

### 1.ª SEMANA — AS CRIANÇAS SÃO IMPORTANTES

**Introdução:**

Conte às crianças que hoje o programa vai ser especial, feito só para elas.

**Lição:**

Certa criança disse: "Temos o dia das mães e o dia dos pais; por que não poderemos ter o dia das crianças?"

Sugerimos que reservem um dia especialmente para homenagearem as crianças, do mesmo modo que fazemos no dia dos pais ou das mães.

Alguns pais talvez se oponham à idéia, dizendo que já fazem muito por seus filhos e isso faz-lhes dar importância exagerada à sua pessoa. Isto pode ser verdadeiro no caso de crianças cujos pais têm sido negligentes quanto à sua formação. O comportamento correto brota do sentimento de que somos importantes para alguém. E êsse projeto pode ser um avanço na tentativa de fazer as crianças viverem acima do potencial que têm como filhos de Deus.

**Sugestões para o programa "Dia das Crianças":**

1. Iniciem o programa contando aos filhos o que a grande experiência de ter filhos tem significado para vocês e quão alegres estão por os terem como filhos.

Digam-lhes o quanto têm aprendido com êles e o quanto precisam dêles para a sua felicidade. Procurem dizer essas coisas de uma forma simples, sem se fazerem sentimentais.

2. Executem uma atividade chamada "Esta é a sua vida," onde os pais contarão a vida de cada um de seus filhos. Os filhos mais velhos também poderão contar episódios da vida da criança em destaque.

Todo fato contado deve fazer a criança sentir-se importante e nada que a embarace deverá ser mencionado. Conte alguma coisa que a faça saber que é apreciada por vocês. Se a família possui álbum de recordação de cada filho, deverá exibí-los nessa ocasião; eis a seguir alguns dados que deverão ser mencionados:

a. detalhes sôbre a época e o local de nascimento da criança, seu pêso, etc.
b. o que os pais sentiram quando a viram pela primeira vez.
c. fatos sôbre sua bênção, batismo, confirmação e ordenação.
d. coisas agradáveis que disse ou fêz, tornando-se benquista por alguém.
e. talentos e realizações, tais como: quando Helena tinha três anos, vivia recitando versinhos para as visitas.
f. salientar as qualidades que tem demonstrado, tais como amabilidade, confiança, etc.

3. Deixe-a escolher uma canção para apresentar ou para que a família cante para ela. Poderá também, escolher um jôgo para a família distrair-se e mesmo que seja enfadonho, todos deverão demonstrar entusiasmo ao executá-lo.

4. Os lanches e o refrêsco deverão ser algo bem especial, que todos êles gostem.

**Aos pais:**

Êsse mesmo sentimento de amor e apreciação deverá ser demonstrado à criança no dia do seu aniversário. Nesse dia, ela poderá escolher o alimento que gosta e todos deverão dispensar-lhe atenção especial.

**Quem sou eu?**

Prepare um cartão com o nome de cada participante e um alfinete de cabeça. Nas costas de cada um, o dirigente prende um cartão com o nome de outro, sem deixá-lo perceber de quem se trata. Para aumentar a dificuldade do jôgo, os meninos podem receber nome de meninas e vice-versa.

Ao sinal de início, um por vez vira as costas para os outros, para que vejam "quem é." Depois disso, cada qual procura descobrir, por meio de perguntas aos companheiros, que personagem está representando. Pode indagar coisas assim, *"Sou loira?"*, *"Sou magro?"*, *"Estou usando sapatos de fivela?"*, etc. As respostas só podem ser com a cabeça, para afirmar ou negar. Quando alguém julga que descobriu o nome que traz nas costas, dirige-se ao seu dono e pergunta-lhe *"Sou você?"* Em caso afirmativo, tira o cartão de suas costas, prega-o ao peito de tal criança e continua na brincadeira, para ajudar os outros a se identificarem, até alguém entregar-lhe o cartão que tem seu próprio nome. A vitória é dos que descobrirem o "nome" que trazem.

**Nota:**

As sugestões para as atividades dêste mês foram retiradas do livro "Jogos para Recreação Infantil," de Ethel B. Medeiros.

PROGRAMA SUGERIDO

1.ª semana

*Hino*: "O Senhor meu pastor é," nº 78.
*Objetivo*: Ajudar as crianças a sentirem que são importantes para a família.
*Atividade*: "Quem sou eu?"
*Hino*: "Ó montanhas mil," n.º 106.
*Oração*:
*Lanche*: Rôscas fritas.

## 2.ª SEMANA

## O EVANGELHO DE CRISTO NOS ENSINA A FAZER SACRIFÍCIOS PELOS OUTROS

### Lição:

Relembre incidentes ocorridos com algum familiar, quando êste demonstrou seu amor a alguém. Poderá ser o fato de um filho ter deixado um outro brincar com seus brinquedos ou a mãe, que apesar de estar doente, continuar tomando conta das crianças, etc.

Pergunte: Ao agir dêsse modo, o que a pessoa em questão estava pensando? (Ela pensava nos outros. O garôto poderia ter ficado com o brinquedo e a mãe poderia ter permanecido na cama, entretanto, esqueceram-se de si próprios para pensar nos outros.)

Por que a pessoa fêz êsse ato? (Por causa do seu amor pelas outras pessoas.)

Saliente o fato de que em cada caso, a pessoa desistiu de algumas coisas que gostava ou necessitava por causa do seu amor pela outra pessoa.

1. *O sacrifício deverá beneficiar a pessoa que o recebe*

Gregório ficara muito desapontado quando os meninos de sua rua não o convidaram para participar do time de futebol que estavam formando. Mas agora, algumas semanas depois, um dos jogadores mudou e os outros disseram a Gregório que êle poderia entrar no time.

Gregório estava muito feliz. Saiu correndo da escola para trocar de roupa e voltar. Entretanto, ao chegar em casa, viu que o seu irmãozinho Nelson piorava do resfriado. Sua mãe disse que o farmacêutico avisara que só poderia ir levar o remédio dali a duas horas.

Gregório despediu-se e saiu. Quando ia chegando ao portão, voltou e disse à mãe que iria buscar o remédio. Imediatamente viu sua expressão de alívio e agradecimento.

Apesar de ficar feliz por poder ajudar seu irmãozinho, os meninos talvez não mais o deixassem jogam bola por haver faltado à primeira partida a que fôra convidado.

Pergunte: Essa ação foi um sacrifício para Gregório? Por que?

●

Êle deveria ter-se sacrificado?

Escreva os seguintes itens numa fôlha de papel, sob a palavra *sacrifício,* para ajudar sua família a saber que um sacrifício deverá consistir de:

- amar a pessoa a ser ajudada.
- desistir de algo que se deseja ou precisa.
- certificar-se de que a pessoa será beneficiada.

2. *Os que fazem sacrifício pelo evangelho serão recompensados*

Jesus ensinou aos seus discípulos que viver o evangelho completamente requer de nós algum sacrifício, para que possamos nos desenvolver. Leia Marcos 10:17-23. Comente e depois use o seguinte para mostrar que os que fazem grandes sacrifícios pelo evangelho serão recompensados:

Após êsse incidente, Pedro relembrou a Jesus que êles haviam desistido de tudo para seguí-lo e queriam saber qual seria a sua recompensa. Jesus lhes respondeu que sofreriam perseguições (o que significa que se sacrificariam pelo evangelho), mas algum dia teriam de volta e em dôbro tudo o que haviam deixado, pois teriam a vida eterna. Leia Marcos 10:28-30.

3. *Ajudar os familiares*

Arranje fôlhas de papel em número igual ao dos familiares. Marque em cada uma o nome dos filhos, incluindo você e sua espôsa. Vá passando as fôlhas entre todos. Cada um deverá escrever na fôlha correspondente o que acha que aquela pessoa está necessitando. Deverá dobrar o papel no lugar onde escreveu e o passará ao vizinho.

Depois de todos terem escrito sôbre todos os familiares, com exceção dêle próprio, devolverão as fôlhas ao pai. Êste escolherá uma e pedirá para que a pessoa em destaque saia da sala. Enquanto está fora, discutirão o que escreveram sôbre ela. Isto lhes dará idéia do que poderão fazer por ela durante a semana. Depois dessa pessoa voltar ao grupo, outro familiar deixará a sala até que as fôlhas de todos sejam comentadas.

É claro que ninguém comentará com essa pessoa as decisões que foram tomadas a seu respeito e, ao contrário, procurará ajudá-la sem fazer alarde disso.

### Atividade:

### Arco-íris

Todos sentam-se no chão, em roda, com as pernas cruzadas, ficando uma pessoa de pé, no centro. Cada jogador faz um sinal à sua frente, para marcar o seu lugar, e anuncia em voz alta o nome da côr que escolheu. (É mais interessante não haver côres iguais.)

Para iniciar, a pessoa destacada põe-se a andar em volta do círculo, dizendo: *"Hoje é dia de festa. Venha quem está de ... rosa!"*, no que é logo obedecida pelo jogador que escolheu aquela côr. Assim vão sendo solicitadas as várias côres (o anil, o encarnado, o mate, etc.), até haver várias pessoas a correr em coluna atrás do chefe (o jogador destacado). Em dado momento êste grita: *"Arco-íris!"* levantando-se, então, para acompanhá-lo, quem ainda não o tinha feito. Depois de a coluna completa dar duas ou três voltas pelo círculo, o chefe anuncia: *"Acabou-se a festa!"*, correndo todos à cata de um lugar. Quem não o consegue vai ser o chefe na próxima partida. *Variante*: O jogador destacado caminha executando uma porção de movimentos (pulos, gestos, etc.), que a coluna imita.

PROGRAMA SUGERIDO

2.ª semana

*Hino*: "Nossas vozes elevemos." n.º 128.
*Oração*:
*Pensamento*: Pela mãe.
*Lição/Objetivo*: Crescer no evangelho; estimular os familiares a fazerem sacrifícios pelos outros.
*Memorização*: Marcos 10:29-30.
*Atividade*: "Arco-íris."
*Hino*: "A verdade é nosso guia," n.º 141,
*Oração*:
*Lanche*: Suspiros.

## Introdução:

Antes de começar a lição pegue cinco fôlhas de papel em branco. Em uma delas escreva, "Morte do corpo," e cole-a com fita adesiva na parede. Na outra escreva "Morte Espiritual" e mais abaixo a palavra "Pecado." Coloque esta fôlha na mesma altura da primeira, com um pequeno espaço entre ambas. Nas três restantes escreva, "Ressurreição do corpo," "Jesus sofreu por nossos pecados" e "O arrependimento traz perdão." Deixe-as sôbre a mesa.

## Lição:

1. *A dor é um sinal*

- Certa noite Marcos acordou com uma horrível dor de ouvido. Chamou sua mãe e esta colocou uma bôlsa de água quente sob sua cabeça. A dor passou um pouco e êle adormeceu. Na manhã seguinte, quando acordou, a dor estava bem mais aguda e por isso seus pais o levaram ao médico. Êste deu-lhe remédios e fêz-lhe curativo no ouvido, dizendo que se não o tivessem levado ao consultório naquele dia, talvez Marcos perdesse a audição.

Pergunte: É bom sentirmos dor? (Sim, pois ela é um aviso de que alguma coisa não está funcionando bem. Se Marcos não sentisse dor, a enfermidade progrediria até não haver jeito de ser sanada.)

- Lourenço foi passear em um parque de diversões com seu grupo escoteiro. Nadou, divertiu-se e comeu dois grandes cachorros-quentes. Quando o Chefe Escoteiro achou que já era hora de irem, disse que os deixaria dar mais uma volta na montanha-russa.

Lourenço tinha apenas o dinheiro para a passagem do ônibus; mesmo assim queria dar mais um passeio na montanha-russa. Lembrou-se que certa vez um amigo seu não pagara a passagem, porque na confusão ficara desapercebido do cobrador. Lourenço decidiu fazer o mesmo.

Andou na montanha-russa, subiu no ônibus e na hora de passar pela catraca, o cobrador o segurou pela manga, dizendo. "Ei, menino, e o dinheiro?" Mas êle, fingindo-se muito ofendido e seguro de si, respondeu: "Mas eu já paguei!" O homem pareceu convencido e Lourenço foi sentar-se lá na frente.

Naquela noite não conseguiu dormir, pensando no incidente. No dia seguinte, vendo sua aparência preocupada, o pai perguntou o que estava acontecendo. Êle começou a chorar e contou tudo, dizendo que estava muito arrependido do que fizera. O pai respondeu, "Bem, sentir-se mal e contar são os primeiros passos para fazer o certo. E agora, o que tem a fazer?"

Lourenço respondeu que iria até a companhia de ônibus e pagaria a passagem.

Pergunte: Por que o Pai Celestial permitiu que Lourenço se sentisse tão infeliz? (Se êle não se sentisse mal, continuaria a incorrer no êrro.)

Relembre a família que esta tristeza por fazer algo errado comumente é chamada na Bíblia de "espírito contrito." Leia D&C 97:8. Depois pergunte: Qual a razão do Senhor dizer que os santos devem ter espírito contrito para aceitá-lO? (A menos que sintam tristeza por alguma coisa errada que fizeram, não se sentirão desejosos de fazer sacrifícios pela Igreja.) Leia Salmos 34:18 para completar o assunto.

2. *Compreender a expiação de Cristo dá à família o desejo de se arrepender*

Chame a atenção da família para as fôlhas preenchidas no início da lição. Saliente que Cristo sobrepujou a morte do corpo com a ressurreição e que somos os beneficiários dêsse ato, sem que tenhamos de dispender qualquer esfôrço. Indique as fôlhas que mostram êsse ponto. Remova a fôlha que diz, "O arrependimento nos traz perdão." Ajude a família a ver que para sobrepujar a morte espiritual( ou seja, nos aproximarmos do Pai), Jesus fêz sua parte, abrindo o caminho para nós. Agora devemos fazer a *nossa* parte — obter o perdão das coisas erradas através do arrependimento. Recoloque a fôlha no lugar, dizendo que a frase alí contida anula a morte espiritual.

Cada qual que aceita a expiação de Cristo tentará constantemente sobrepujar seus pecados.

Pergunte se algum familiar tem sentimento de culpa. Se o têm, como podem transformá-lo em sentimento de alegria? (Através do arrependimento.)

Enquanto êste tópico é discutido, escreva as respostas corretas numa outra fôlha, que deverá ser colocada em lugar bem visível durante a semana.

Eis uma sugestão do que poderá ser escrito:

Ao aceitar a expiação de Cristo eu:
1. Terei um espírito contrito pelo êrro que cometi.
2. Confessarei que fiz o êrro.
3. Pararei de fazer o errado e em seu lugar farei o certo.

## Atividade:

### João Palmada

Forma-se um círculo, onde todos os componentes deverão estar com as mãos para trás, com as palmas voltadas para cima. Do lado de fora fica um jogador, o "João Palmada."

Ao sinal de início, João Palmada corre em volta do círculo, batendo inesperadamente na mão de alguém. Êste sai em direção contrária à de João, que continua a correr, devendo ambos contornar o círculo. Ao cruzarem-se, param, apertam-se as mãos e dizem "Boa noite," prosseguindo a corrida para ver quem chega primeiro ao lugar vazio. Aquêle que não o consegue passa a ser o nôvo João Palmada, reiniciando-se o jôgo.

PROGRAMA SUGERIDO

3.ª semana

*Hino*: "Deus vos guarde," n.º 34.
*Oração*:
*Poesia*: Por um filho.
*Lição/Objetivo*: Ajudar cada um a apreciar o dom da expiação de Cristo, incorporando êsse benefício à nossa vida.
*Memorização*: Salmos 34:18.
*Atividade*: "João Palmada."
*Hino*: "Ama o pastor seu rebanho," n.º 16.
*Oração*:
*Lanche*: Sequilhos com refrêsco de groselha.

## Lição:

1. *O amor traz profundidade e alegria à nossa vida*

Inicie a lição mostrando o seguinte desenho:

Pergunte porque a palavra *amor* foi colocada entre os dois círculos. Depois de terem respondido, acrescente que as pessoas estão sempre envolvidas pelo sentimento de amor. Um dos círculos representa a pessoa que ama e a seta aponta para o círculo que contém o nome do objeto dêsse amor.

Pergunte: O que Jesus tem feito para mostrar que nos ama? Durante as respostas, certifique-se de que cada um compreende que Jesus demonstrou amor por nós, pelo menos, de quatro modos:

- Nosso Salvador sofreu e morreu para que cada pessoa pudesse ressuscitar.
- Sofreu no jardim de Getsêmane e na cruz, possibilitando os que se arrependem de serem perdoados de seus pecados.
- Mostrou a cada um como viver para que possa ser feliz e voltar à presença do Pai.

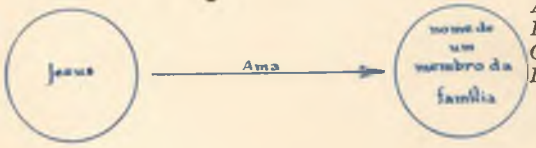
Continuando a explicação, peça aos familiares para pensarem em alguém que os ama, tal como o pai, avó, tio, etc. Como se sentem ao saber que essa pessoa os ama? Desenvolva a idéia de que o amor tem influência sôbre nós; ser amado traz alegria e ânimo à nossa vida. Peça a um filho para ler Moroni 7:45-47; antes disso, explique que a palavra "caridade" significa, no caso, o mesmo que "amor."

O que êsses versículos nos ensinam sôbre o amor? (Que é a influência mais forte do mundo; que perdurará para sempre.)

2. *O amor de Jesus Cristo traz fôrça e segurança à nossa vida*

Inicie êste parágrafo explicando que cada qual (incluindo-se os pais) tem, no mínimo, duas pessoas que o ama com um amor que é perfeito. Estas duas pessoas o amarão por tôda a vida. Pergunte quem são elas. (Nosso Pai Celestial e Jesus Cristo, naturalmente.)

Para ajudar os familiares a sentirem que Jesus realmente os ama, passe uma fôlha de papel a cada um. Cada qual deverá fazer um desenho que o fará lembrar, durante tôda a semana, que Jesus nos ama; o desenho deverá conter a mesma idéia que êste:




3. *Palavras de louvor a Jesus*

Pergunte: o que nos leva a pensar sôbre o grande amor que Cristo tem por nós? Deixe cada um expressar o seu ponto de vista. Leiam juntos, para que entendam bem êsse ponto, as seguintes passagens:

a. As palavras de Jacó, o irmão de Nefi. (II Nefi 9:20-23) Êsse homem compreendeu a missão do Salvador e o seu grande amor, tendo falado sôbre isso com profundo sentimento.

b. As palavras de Isaías (Isaías 12:2-6). Isaías, apesar de ter vivido muitos séculos antes de Jesus, compreendeu a diferença que seu amor faria na vida das pessoas.

Jesus deseja que tenhamos êsse sentimento de felicidade, que experimentamos quando nos aproximamos dêle e nos esforçamos por guardar seus mandamentos.

4. *Demonstramos amor a Jesus quando nos lembramos dêle*

Pergunte aos familiares o que sentem quando pensam no amor que Jesus tem por nós. Expresse à família o seu sentimento de amor a Jesus e o que isso significa para você. Pergunte, depois, o que poderão adicionar ao desenho feito, a fim de indicar seu amor para com êle. Deixe-os completar os desenhos; depois mostre o seguinte:

## Designação:

- Cada familiar deverá tentar lembrar-se de Jesus e perguntar a si mesmo o que o Salvador gostaria que fizesse tôda vez que precisar de tomar uma decisão.
- Cada um poderá colocar o desenho que fêz durante esta lição em seu próprio quarto ou em lugar onde possa vê-lo freqüentemente.

No fim de cada dia, deverá pensar nesse dia que findou, perguntando a si mesmo se mostrou amor pelo Salvador, lembrando-se dêle.

Termine a lição lendo as seguintes palavras do Salvador, que nos exortam a tornar Jesus e seu amor parte integrante de nossa vida. (Apocalipse 3:20).

## Atividade:

### Noiva

Todos sentam-se em roda e cada qual escolhe para si um objeto diferente do enxoval de uma noiva, *anunciando-o depois, em voz alta.*

Para iniciar, o dirigente conta, *"Vi uma noiva que não tinha... grinalda!"* por exemplo. Quem escolheu tal coisa levanta-se e replica, *"Grinalda tinha, o que não tinha era... buquê!"* ao que um segundo jogador, (o representante do buquê) protesta, esclarecendo ser outra a falha (aliança, luvas, etc.) e assim por diante. Quem não reclama imediatamente, citando logo outro objeto, ou que nomeia objeto não escolhido pelos companheiros paga uma prenda (ou é excluído do jôgo, conforme o combinado). Decorrido certo tempo, é iniciado o pagamento das prendas, cabendo a vitória a quem não as tenha de pagar. (A brincadeira deve ser feito em ritmo ligeiro, para despertar mais interêsse.) *Variantes*: O fruteiro: cada qual escolhe uma fruta, cabendo ao dirigente iniciar o jôgo assim: "Fui ao fruteiro, mas êle não vendia..." Além disso poderão variar dos seguintes modos: florista, trem, o jardineiro, etc.

PROGRAMA SUGERIDO

4.ª semana

*Hino*: "Vinde a mim," n.º 9.
*Oração*:
*Número Musical*: Pela família.
*Lição/Objetivo*: Ajudar cada um a sentir amor por Cristo; mostrar êsse amor ao se esforçarem por lembrar dêle; guardar seus mandamentos.
*Memorização*: Apocalipse 3:20.
*Atividade*: "Noiva."
*Hino*: "Lá nos cumes," n.º 75.
*Oração*:
*Lanche*: Panquecas com guaraná.

# ARTIGO DE CAPA

*Hélio da Rocha Camargo*

"Mar, belo mar selvagem das nossas praias solitárias. Tigre a que as brisas da terra o sono embalam, e que o vento do largo erissa o pêlo..." Assim começa Vicente de Carvalho as suas imortais "Palavras ao Mar", onde compara a própria existência com aquilo que sua imaginação julgava encontrar no oceano.

O grande poeta santista chama o mar de "velho condenado ao cárcere das rochas," e pinta-o como uma alma revoltada que atira para os céus "a blasfêmia colérica das ondas," e finalmente estabelece o paralelo entre sua pessoa e êle, dizendo de si próprio: "condenado e insubmisso como tu mesmo, eu sou, como tu mesmo, uma alma sôbre a qual o céu resplende. Longínqüo céu de um resplendor distante..."

Prossegue o magnífico poema no mesmo teor pessimista, acusando de injusto o plano do Criador: "maldita a vida que promete a falta," diz êle, "que mostra o céu prendendo-nos à terra, e dando as asas não permite o vôo..."

Brados de revolta, clamores da alma incompreendida, gritos de angústia, sucedem-se através de tôda a obra, e a ressonância encontrada no coração dos leitores, a correspondência entre os sentimentos do poeta e as desilusões e tristezas do homem comum, mostram quanto é universal a frustração e o desencanto no seio da humanidade. É como se cada qual se sentisse retratado em uma fotografia espiritual fidelíssima naqueles versos imortais: — A vida é uma prisão. A existência não tem sentido. Vive-se acorrentado a mil cadeias que nos cingem, e enquanto vegetamos na lama da terra, contemplando a pureza das estrêlas que refulgem muito longe no céu, a única forma de reação que nos é concedida diante do destino inabalável é o brado de revolta, extravasando em imprecações o gôsto amargo das derrotas sucessivas, o desespêro dos sonhos carregados de esperanças que se vão desfazendo em cinzas e farrapos, porque também "os sonhos morrem, como as ondas voltam..."

Ante a grandeza do universo que o cerca, sentindo arder no peito a fagulha divina que é a própria essência do espírito humano, e ao verificar a impossibilidade de realizar o grande, o belo e o imortal que imaginara em sua tôla pretensão, o homem sente-se como um miserável verme prêso à matéria, sem qualquer esperança de futuro.

O tempo é sempre pouco para qualquer empreendimento de valor nesta vida, as fôrças faltam no exato momento em que mais necessárias se fazem, os recursos escasseiam na própria hora em que finalmente imaginávamos ter acertado com o caminho e iniciado a jornada final para a vitória, e somos retirados abruptamente do cenário deixando nosso ato sem terminar e incompreendido por nossos semelhantes o sonho que acalentávamos. Passa-se algum tempo e nem ao menos a memória restará daquilo que quisemos edificar com tanto amor.

A amarga nota pessimista e a filosofia da inutilidade de todo esfôrço vem sendo proclamada através dos séculos por alguns dos maiores pensadores da humanidade: — Tudo termina no nada; tudo acaba no sepulcro, e o tempo e os vendavais da terra se encarregam de nivelar novamente com o pó os grandes monumentos que o homem tentou erguer, marcando sua passagem pelo mundo.

"Vaidade de vaidades, tudo é vaidade," diria o Pregador...

Na Escritura Sagrada verificamos que o autor do Livro de Salmos conhecia bem êsse sentimento de angústia que assalta o coração dos homens, quando dizia: "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos; a lua e as estrêlas que preparaste, que é o homem para que te lembres dêle, e o filho do homem para que o visites?"

Quantos os que na árdua jornada da vida sonharam com o céu, sentindo-se escravizados à terra! Quantos os que sofreram com a ilusão de visões magníficas que, no dizer do poeta, apenas "nos provocam para repelir-nos"? E a conclusão é o desespêro, a sensação de estar-se condenado sem saber por que. A vida parecendo obra de um poder alucinado que se compraz em criar o homem com as mais elevadas aspirações no coração, pelo simples prazer de zombar de seus sonhos e vê-lo espojar-se no pó da terra, incapaz de alcançar os ideais que o próprio Criador colocou em sua alma.

Teria razão o poeta em clamar aos céus com os punhos cerrados: "Maldita a vida que promete a falta"?

Eis que, no meio de tôdas estas perguntas aparentemente sem resposta, rompendo o véu de silêncio e escuridão que nos rodeia, uma voz ressoa com a promessa estupenda: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres." Seria esta apenas mais uma das falsas promessas que no passado iludiram filósofos e pensadores? Mais uma vez estar-se-ia repetindo a secular experiência de entrever ao longe um país de gozos e delícias que nunca se consegue alcançar? Mais uma Canaã a ser perseguida, não mais através dos desertos, mas para o outro lado dos portais da morte?

Não. Mas desta vez é o próprio pôrto de chegada na jornada exaustiva da existência. Quando conhecemos a verdade, vislumbramos a vitória e recebemos a visão geral do plano eterno, o nosso espírito se acalma, a alma repousa em segurança, o coração sente-se apaziguado.

A perfeição e coerência de todo o propósito divino fazem cessar a voz que amaldiçôa a vida, e deixamos de lamentar a inutilidade de todo esfôrço nobre e de nos compararmos ao mar, como eternos prisioneiros de um cárcere sem significação.

O apóstolo João, a quem foi concedido antever o futuro pela revelação de Deus, descreve as coisas que um dia existirão na terra, registrando no seu livro as mais estupendas promessas jamais feitas à humanidade, como que numa resposta antecipada ao grande poeta brasileiro que comparava a sua vida escravizada ao destino do oceano: "E vi um nôvo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e *o mar já não existe.*"

Aquí alargam-se os horizontes e ampliam-se ao infinito, e a existência se desdobra em borbotões de luz e glória, sob o influxo daquele que afirmou: "Eu vim para que tenhais vida, e a tenhais em abundância."

CEB
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
IJCSUD